



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro Biomédico

Instituto de Medicina Social Hesio Cordeiro

Gisele Braga da Silveira Bizarro

**O Gênero da Voz: Uma revisão da literatura fonoaudiológica
contemporânea brasileira**

Rio de Janeiro

2024

Gisele Braga da Silveira Bizarro

**O Gênero da Voz: Uma revisão da literatura fonoaudiológica
contemporânea brasileira**

Dissertação apresentada, como requisito para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Ciências Humanas e Saúde.

Orientador: Prof. Dr. Horacio Federico Sívori
Coorientador: Prof. Dr. Aureliano Lopes da Silva Junior

Rio de Janeiro

2024

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/CB/C

B625 Bizarro, Gisele Braga da Silveira

O gênero da voz: uma revisão da literatura fonoaudiológica contemporânea brasileira /Gisele Braga da Silveira Bizarro. – 2024. 64 f.

Orientador: Prof. Dr. Horacio Federico Sívori
Coorientador: Prof. Dr. Aureliano Lopes da Silva Junior

Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Medicina Social Hesio Cordeiro.

1. Voz. 2. Gênero. 3. Sexo. 4. Saúde Pública. 5. Fonoaudiologia.
I. Sívori, Horacio Federico. II. Silva Junior, Aureliano Lopes.
III. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Medicina Social Hesio Cordeiro. IV. Título.

CDU 612.7(81)

Bibliotecária: Julia Franco Barbosa – CRB 7 5945

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Gisele Braga da Silveira Bizarro

**O Gênero da Voz: Uma revisão da literatura fonoaudiológica
contemporânea brasileira**

Dissertação apresentada, como requisito para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Áreas de concentração: Ciências Humanas e Saúde.

Aprovada em 26 de março de 2024.

Coorientador: Prof. Dr. Aureliano Lopes da Silva Junior
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Horacio Federico Sívori (Orientador)
Instituto de Medicina Social Hesio Cordeiro - UERJ

Prof.^a Dra. Marina Fisher Nucci
Instituto de Medicina Social Hesio Cordeiro - UERJ

Prof. Dr. João Carlos Lopes da Conceição
Fundação Oswaldo Cruz

Prof. Dr. Thiago Barcelos Soliva
Universidade Federal do Sul da Bahia

Rio de Janeiro

2024

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho ao meu marido, pois, juntos em uma pandemia, iniciamos os nossos mestrados, e a todas as pessoas que um dia se sentiram constrangidas com as próprias vozes por conta do gênero.

AGRADECIMENTOS

Início este agradecimento à minha turma de mestrado, mesmo sem nos conhecermos pessoalmente, fizeram toda a diferença diante das dificuldades que significaram este percurso que iniciamos ainda no meio de uma emergência sanitária; ao Coletivo Estudantil do IMS-UERJ, colegas formidáveis que nos dão força, acolhem as nossas dificuldades e desesperos, que nos fazem acreditar que tudo vai dar certo.

Às fonoaudiólogas Lucineide Brito e Martha Lima por todo apoio e discussões que tivemos sobre os destinos da nossa profissão.

Aos amigos fonoaudiólogos Reynaldo Lopes e Isabela Poli por todo incentivo e por acreditarem em mim, ainda aluna, e na minha capacidade profissional e acadêmica.

Ao irmão que a vida me deu por intermédio da Fonoaudiologia, João Lopes, por mais que eu escreva, não terei palavras para agradecer a você por tudo que fez por mim.

Ao meu orientador e coorientador pelo carinho e paciência em me ensinar os caminhos a serem percorridos neste mundo que é a Ciência Social, ter o privilégio de aprender a ver e discutir o que não se discute.

Às bancas de qualificação e de defesa pelos ensinamentos.

Ao meu marido, este companheiro maravilhoso, parceiro de vida, sem ele seria impossível chegar aqui.

À minha amiga Andrea pelas lágrimas que choramos juntas, obrigada por toda força.

À Claudia pelas aulas de inglês e todo apoio nas leituras na língua inglesa.

À Giovana, Elena, Renat, Mayara, Aline por todo apoio nessa caminhada que fizemos juntas.

A Penedo que me trouxe paz, silêncio e acolhimento nos meus momentos de escrita.

Ao senhor “Zé da Vaca” (*in memoriam*) pelos ensinamentos de vida no nosso pouco tempo de convivência.

Aos meus amados vizinhos Luciana, Ademir, Beatriz, Meire, Delber e Elaine pelas palavras de força, incentivo e foco.

À Duda pelas lambidas de acalento e o olhar de amor, ao Amendoim pelas boas risadas das trapalhadas de um cachorro “rebaixado”, à Belinha, cachorrinha ranzinza, à Princesa pelos latidos, ao Duque pelos choros e uivos.

À CAPES pela oportunidade de estudar e pela bolsa que me auxiliou neste período de mestrado enquanto não dava para exercer a minha função de fonoaudióloga.

À Fonoaudiologia pela oportunidade de poder pesquisá-la e estudar meios para que se torne uma profissão melhor, no empenho de reabilitar a comunicação de quem procura nela o auxílio.

Às Letras, faculdade de primeira formação, cujo árduo percurso durante a graduação me rendeu frutos neste mestrado.

À terapia.

Aos meus avós (*in memorian*), que sempre me incentivaram a não parar de estudar.

Ao meu irmão e mãe por acreditar que eu iria conseguir.

Maria e Ana pelo auxílio na elaboração de estratégias de trabalho acadêmico adaptadas à minha realidade.

Eu quero dizer agora o oposto do que eu disse antes
Eu prefiro ser essa metamorfose ambulante
Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo

Raul Seixas

RESUMO

BIZARRO, Gisele Braga da Silveira. *O gênero da voz: uma revisão da literatura fonoaudiológica contemporânea brasileira*. 2024. 64 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Instituto de Medicina Social Hesio Cordeiro, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.

Esta obra aborda as formas como o campo da Fonoaudiologia compreende e elabora teorias sobre a diferença de gênero em publicações científicas da área. Trata-se de uma revisão integrativa de literatura seguida de análise crítica à luz dos Estudos de Gênero no campo da Saúde Coletiva. Os achados enumeram os marcadores de gênero difundidos no discurso científico da Fonoaudiologia, utilizados para classificar vozes masculinas e femininas, em correspondência com o “sexo” do indivíduo, cuja classificação binária é geralmente dada por suposta. Apesar desta diferenciação ocorrer ao longo do ciclo de vida, existem tentativas de diferenciar as vozes ainda na infância. As diferenças mais evidentes se apresentam na fase adulta, convergindo novamente na senescência. As conclusões apontam para a necessidade de maior consolidação dos estudos de gênero e voz, de modo a promover o diálogo entre a Fonoaudiologia e os Estudos de Gênero no campo das Ciências Humanas e Sociais da Saúde Coletiva, compreendendo a voz como parte integral da saúde e como elemento fundamental da construção da pessoa.

Palavras-chave: gênero; voz; Fonoaudiologia.

ABSTRACT

BIZARRO, Gisele Braga da Silveira. *Gender and voice: a review of contemporary brazilian speech therapy literature*. 2024. 64 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Instituto de Medicina Social Hesio Cordeiro, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.

This work addresses the ways in which the field of Speech Therapy understands and develops theories about gender differences in scientific publications in the area. This is an integrative literature review followed by critical analysis in the light of Gender Studies in the field of Public Health. The findings list the gender markers widespread in the scientific discourse of Speech Therapy, used to classify male and female voices, in correspondence with the “sex” of the individual, whose binary classification is generally taken for granted. Although this differentiation occurs throughout the life cycle, there are attempts to differentiate voices even in childhood. The most evident differences appear in adulthood, converging again in senescence. The conclusions point to the need for greater consolidation of gender and voice studies, in order to promote dialogue between Speech Therapy and Gender Studies in the field of Human and Social Sciences of Public Health, understanding the voice as an integral part of health and as a fundamental element of the construction of the person.

Keywords: gender; voice; Speech therapy.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 –	Síntese das etapas da pesquisa bibliográfica	37
Quadro 1 –	Publicações selecionadas em voz falada	38
Figura 2 –	Visão cronológica das publicações selecionadas	50
Figura 3 –	Distribuição cronológica das temáticas de pesquisa	51

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANTRA	Associação Nacional de Travestis e Transexuais
Hz	Hertz, unidade de medida de frequência, equivale a um pulso por segundo
PHR	Proporção Harmônico – Ruído

LISTA DE SÍMBOLOS

f_0 Freqüência fundamental

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	13
	Prelúdio	13
	A voz	21
	(In)adequações	24
	A Fonoaudiologia	26
1	GÊNERO E VOZ	29
1.1	Objetivos	34
1.2	Método	34
2	O CORPUS	38
2.1	Discussão dos textos	51
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	57
	REFERÊNCIAS	59

INTRODUÇÃO

Esta obra aborda as formas como o campo da Fonoaudiologia compreende e elabora teorias sobre a diferença de gênero em publicações científicas da área em voz falada¹. Trata-se de uma revisão integrativa de literatura seguida de análise crítica à luz dos Estudos de Gênero no campo da Saúde Coletiva. Os achados enumeram os marcadores de gênero difundidos no discurso científico da Fonoaudiologia, utilizados para classificar vozes masculinas e femininas, em correspondência com o “sexo” do indivíduo, cuja classificação binária é geralmente dada por suposta. Apesar desta diferenciação ocorrer ao longo do ciclo de vida, existem tentativas de diferenciar as vozes ainda na infância. As diferenças mais evidentes se apresentam na fase adulta, convergindo novamente na senescência. A discussão dos resultados aponta para a necessidade de maior consolidação dos estudos de gênero e voz, de modo a promover o diálogo entre a Fonoaudiologia e a Saúde Coletiva, compreendendo a voz como parte integral da saúde e como elemento fundamental da construção da pessoa.

O processo que originou este trabalho, descrito a seguir, marcado por inquietações ao longo da minha trajetória de formação e pesquisa, ajudam a compreender a relevância deste recorte e as perguntas da pesquisa.

Prelúdio

Cara leitora, caro leitor, este trabalho foi realizado enfrentando diversos desafios.

Cursei Fonoaudiologia na Universidade Veiga de Almeida de 2012 a 2017. Eu já não era tão jovem como quando cursei a minha primeira faculdade e estar aberta a novos aprendizados é sempre desafiador.

¹ Voz Falada: Voz diferente da cantada, pode ser a voz do dia-a-dia, da palestra, na oratória, é a voz da conversa. A voz cantada exige outras formas de respiração e imposição vocal, exige treino. (nota da autora)

À noite, no retorno da faculdade, passava pela rua que era pejorativamente conhecida no bairro como “avenida dos travecos”. Olhava para as mulheres paradas nas calçadas e sentia impotência, pela incapacidade de fazer alguma coisa, pois jamais me conformei com as formas como as outras pessoas as tratavam. Inúmeras vezes testemunhei insultos e até objetos sendo atirados nelas dos ônibus que passavam pela rua. O nome adotado pelos moradores do bairro para identificar o local onde as travestis trabalhavam já era uma violência. Essas mulheres eram tratadas como lixo, ali não eram seres humanos, ali eram párias. Por diversas vezes as vi sendo desrespeitadas. O apelido da rua era só um tapa dos muitos que eu ainda iria levar.

No quarto período da graduação em Fonoaudiologia, entrei em contato com a cadeira intitulada Voz I, na qual pude entender o funcionamento do corpo, da respiração e tudo que era relacionado a voz. Aguçava-me compreender o aparelho fonador e ouvir o professor falando sobre as vozes humanas, suas variações e como essas afetam a comunicação das pessoas. Atraiu especialmente minha atenção a voz adaptada², uma voz que está em busca de um equilíbrio fonatório e auditivo. Tal adaptação é comum em todas as pessoas, mas no caso das pessoas trans representava também a busca de um equilíbrio entre a identidade vocal e a própria identidade da pessoa. O esforço podia ocasionar lesões, as quais poderiam se transformar em patologia, explicava o professor. A fim de aprofundar-me no assunto e procurar literatura na área, passei a pesquisar sobre a voz transexual. Porém quase nada foi encontrado a respeito na Fonoaudiologia. Havia nessa época, em 2015, pouquíssimas pesquisas sobre a saúde travesti e transexual no meio biomédico (só encontrava pesquisas em HIV, nada em voz), embora já existissem atendimentos realizados em outras áreas. A Fonoaudiologia³ não foi contemplada para atender a população trans pelo SUS, através do chamado Processo Transexualizador⁴.

² Voz adaptada- voz que apesar de ter um equilíbrio fonatório, é uma voz diferente do habitual – exemplo: falsete.

³ Portaria que contempla as profissões que fazem o atendimento no Processo Transexualizador no SUS (Brasil, 2013).

⁴ "O Processo Transexualizador foi instituído no Sistema Único de Saúde (SUS) em 2008, por meio da Portaria GM/MS nº 1.707, de 18 de agosto, e regulamentado, à época, pela Portaria SAS nº 457, de 19 de agosto de 2008. Em 2013 esse programa foi redefinido e ampliado, por meio da Portaria GM/MS nº 2.803, de 19 de novembro." (Brasil, 2023)

Ao retornar da faculdade, eu tinha o hábito de parar na loja de conveniência do posto de gasolina para lanchar, quando certa vez as travestis, que eu via todos os dias, entraram na loja para também lancharem. Conversavam entre si, e pude perceber os aspectos da voz que o professor comentou na sala de aula. Fui dormir com a sonoridade das palavras delas em minha mente, no dia seguinte procurei o professor para conversar. Revelei o meu interesse na voz trans⁵ e indaguei se era possível estudá-la. Ele então pediu para que eu escrevesse as minhas ideias para poder analisar o assunto e me dar uma resposta.

Escrevi a carta perguntando se seria possível estudar a voz falada de pessoas trans. O motivo para isso eram as modificações pelas quais elas e eles passavam para adaptarem o corpo ao gênero percebido. Algum tempo depois, o professor respondeu perguntando primeiro o que me fez ter a ideia e depois se eu realmente estava interessada em estudar essa voz e o que motivou o meu interesse.

Comentei que havia ouvido na loja de conveniência do posto de gasolina, as travestis comentarem que haviam procurado profissionais para tratarem a voz, pelo incômodo que estavam sentindo ao falar em “falsete” e a resposta que receberam de todas e todos foi que não podiam ajudar. E eu fiquei incomodada com aquilo e me trouxe a inquietação de por qual motivo não poderiam ajudar, era falta de material a ser estudado ou era preconceito por parte dos profissionais?

Então João explicou a mim que era desejo dele também estudar e atender a voz trans, mas ele tentou escrever o TCC sobre o assunto e foi desmotivado pela professora na especialização em voz que fazia em 1997. A justificativa da professora Edni Brandi foi não haver material a ser estudado. Por este motivo, ele foi obrigado a deixar de lado e escrever sobre outro assunto, sendo assim estava ressuscitando algo sobre o qual ele achava que já não conseguiria mais trabalhar. Vibrei na hora, porém nada é fácil e nem de imediato. Apesar do professor ter gostado muito da ideia, havia entraves burocráticos e de ordem hierárquica pelos quais ele não podia garantir que nós conseguiríamos fazer esse estudo ou o atendimento.

Precisaria levar à coordenadora de curso e ela teria que abraçar a ideia e levar à reitoria, ele não poderia garantir que haveria aprovação dos dois lados, mas que iria tentar e me daria o retorno.

⁵ Para a Fonoaudiologia, não há uma diferença entre a voz da travesti e da transexual, pois a anatomia laringea é a mesma.

Dias mais tarde, o professor João me chamou para comparecer no Centro de Saúde da Universidade Veiga de Almeida, na Praça da Bandeira, para conversar com a coordenadora do curso, a professora Rita Leniza. A clínica em Fonoaudiologia e, especificamente, em voz da Veiga já funcionava há muitos anos atendendo o público que a procurava, porém não oferecia nada específico para o público trans.

João e eu fomos ao encontro da Rita e tivemos uma longa conversa. Ela queria entender que trabalho era esse que estávamos propondo e o que tínhamos nas nossas mentes. Explicamos que se tratava de um atendimento à voz trans por conta da carência de serviços fonoaudiológicos específicos no SUS para tal. A professora Rita fez uma longa pausa, como se estivesse processando o que falamos e refletindo nos passos que iria tomar, e respondeu que havia adorado a ideia, estava muito empolgada e iria conversar com a reitoria para obter a aprovação para dar início ao projeto. Eu queria gritar, vibrar, correr por aquele Centro de Saúde, mas educadamente agradei a professora por ter aprovado a nossa ideia.

Não demorou muito e João trouxe a notícia da aprovação do projeto pela reitoria e que a mesma gostou muito e iria abraçar com carinho o projeto.

Uma vez que o projeto de estágio e atendimento em voz trans havia sido aprovado, iniciou-se a nossa busca por pessoas interessadas e interessados, junto, a descoberta de algumas dificuldades. O local seria a clínica escola em voz no Centro de Saúde, todavia não tínhamos clientes, que precisávamos conseguir com urgência ou poderíamos fechar antes mesmo de começarmos a atender.

Propus-me a ir conversar com as mulheres que trabalhavam à noite nas ruas, aquelas que eu via todos os dias. Para mim significou uma nova forma de me aproximar daquelas mulheres estigmatizadas aos olhos da sociedade, que apareciam nas calçadas mal iluminadas de uma estrada que corta o bairro da Freguesia em Jacarepaguá, pessoas visíveis aos impostos e invisíveis em direitos ao mesmo tempo. Lá estavam elas, lindas, perfumadas, maquiadas e eu fui me aproximando. Embora me sentisse à vontade na companhia, eu tinha medo da reação que elas teriam com o que eu ia falar. Afinal a sociedade sempre as ignorou, agrediu e como eu, uma mulher cisgênero, branca, casada com homem também cisgênero iria me aproximar delas?

Aproximei-me aos poucos na lanchonete enquanto lanchavam. Eu ia chegando e, com calma, pedindo para conversar. Uma delas, que media quase 1,90 metros, ordenou que saísse de perto, eu a estava perturbando. Uma outra mais baixa fez uma cara de nojo e perguntou o que eu queria. Eu tentei falar sobre o trabalho em voz e logo veio a outra e deu um grito comigo e me afastei.

Um dia cheguei mais cedo e resolvi ir à calçada onde elas ficavam, a pretexto de lanchar um hambúrguer mais próximo de onde elas trabalhavam. Eu passei a observá-las e ver qual melhor estratégia para poder me aproximar para que elas pudessem me ouvir, respeitando o trabalho delas, sem atrapalhar e sem ofendê-las.

Não foi fácil, confesso. Ao ingressar e permanecer nas calçadas delas, eu invadia o espaço de trabalho e de vida. Tomei empurrões, gritos, coisas arremessadas. Uma delas chegou a me dar um tapa e várias vezes eu ouvi “sai daqui mapoaaaaa⁶!”

Mas não iria desistir facilmente, afinal ou insistia ou tudo aquilo que foi construído para recebê-las seria perdido. Enquanto tentava com as meninas da rua por onde eu passava, Rita e João trabalhavam arduamente para equipar o espaço que iria recepcionar o público trans no ambiente da Veiga de Almeida. A equipe (recepção, seguranças, auxiliares de limpeza, almoxarifado etc.) que trabalhava no Centro de Saúde foi exaustivamente treinada para receber as pessoas que iriam chegar ali. Não bastava somente receber, mas o mais importante era acolher. Acolhimento foi a palavra, um ambiente em que todes seriam recebidas com carinho, amor, sorriso e pudessem depois saírem dali diferentes da forma que entraram. O objetivo era, afinal, se sentirem parte daquele espaço e também da sociedade.

A maior dificuldade ao longo do treinamento era os pronomes de tratamento por vezes não serem respeitados. Mesmo com exaustivo treinamento, não era fácil para todo mundo adotar esse sinal de respeito, limiar do reconhecimento da identidade de gênero.

João além do treinamento que fazia no Centro de Saúde junto com a Rita, também ia nas associações. Eu mesma ao fazer contato telefônico com a ANTRA⁷ recebi como resposta que nem perdesse o meu tempo, “porque todo mundo tinha

⁶ Mapoa – maneira como a mulher cis é chamada pelas travestis.

⁷ ANTRA – Associação Nacional de Travestis e Transexuais.

interesse em estudar transexual, mas depois da pesquisa feita ninguém se interessava em ajudar a causa trans”. Por este motivo não havia interesse da associação em ajudar ninguém com pesquisa nenhuma. Não consegui sequer falar que se tratava de atendimento fonoaudiológico. Talvez não adiantaria tentar explicar; a forma de superar essa compreensível desconfiança devia ser outra. Entretanto, João obteve sucesso através da Casa Nem⁸, que foi super receptiva. Ele inclusive foi convidado a palestrar e explicar em que consistia o projeto.

Após a negativa da ANTRA, eu continuei insistindo com as meninas, um dia uma delas parou para ouvir o que eu tinha a propor, se interessou em fazer parte do projeto porque gostava de cantar. Por este motivo, ela desejava ter um acompanhamento profissional para não ‘forçar’ a voz. Perguntou-me o dia e hora que ela poderia ir e me garantiu que o faria.

No dia e na hora exata, apareceram três mulheres trans. Eu e João fomos recebê-las com um misto de felicidade e de alívio. Assim que passaram pela recepção, eu percebi em suas faces o medo do desconhecido e a insegurança do novo. Imaginei todas as experiências negativas que elas viveram ao longo da vida. Eu, João e toda a equipe as recebemos com todo o carinho que podíamos dar, uma delas se escondia atrás da outra, tal o grau de medo.

Éramos poucos estagiários, pois o projeto sofria boicote, não da instituição – a Universidade Veiga de Almeida, como foi narrado, o abraçou com muito carinho – mas do corpo discente. Ou seja, dos meus colegas de turma, alunas e alunos que, como eu, estavam se formando para o serviço de saúde.

A ideia não foi bem recebida e ouvi dos meus colegas todo o tipo de atrocidades, além de citações do Antigo Testamento na tentativa de legitimar o preconceito e a falta de humanidade. Mais uma vez, a religião dessas pessoas fazia acreditar que seres humanos não podiam ser tratados com respeito. Eu mesma fui tratada da pior forma possível por várias e vários colegas. Adotei uma postura agressiva, passei a não tolerar quem era, em meu julgamento, intolerante comigo. Passei a retribuir com violência a violência que sofria.

Iniciados os atendimentos, recebíamos queixas e reclamações das pessoas trans que frequentavam a clínica pelos erros cometidos pela recepção nos pronomes

⁸ Casa Nem – centro de acolhimento da cidade do Rio de Janeiro que abriga pessoas LGBTIA+ em situação de vulnerabilidade social.

de tratamento. Sabíamos do constrangimento que passavam e, com o apoio da nossa coordenadora, isso foi mudando.

Após reportagem portal G1, entre outros portais de mídia digital, e entrevista a um jornal internacional, o estágio passou a ter mais estudantes. Colegas que antes nos boicotaram passaram a conversar comigo, todavia o estágio em voz trans continuava com poucas pessoas. Quem aparecia era em grande maioria pessoas que trabalhavam com a arte (na maioria atores e atrizes). Ou seja, quem promovia cultura estava ali para ajudar e fazer parte dessa transformação social. Esses colegas, que se transformaram em amigos, fizeram toda a diferença neste ousado projeto. Formei-me em Fonoaudiologia e as meninas continuam minhas amigas, atualmente me chamam de irmã.

Fiz especialização em motricidade orofacial e meu TCC foi, novamente, sobre pessoas trans, agora falando das intervenções cirúrgicas faciais que alteravam a voz. Mas, mesmo escrevendo mais uma vez sobre a temática trans, algo me incomodava, havia uma pergunta dentro de mim que não me deixava em paz. Por que precisamos dividir as pessoas em cisgênero e transgênero, gênero feminino e gênero masculino? Por que as pessoas não poderiam ser livres para serem o que elas sentem e desejam? Por que tantos rótulos? Trans, gay, lésbica, bi, gordo, magro, homem afeminado, mulher machuda, sapata... palavras pesadas e ruins. Como disse a mim o professor do IMS, Sérgio Carrara:

– Palavras não são inocentes, Gisele.

Estas perguntas a Fonoaudiologia não iria me responder. Comentei estas minhas inquietações com um colega de profissão e ele falou que isso era assunto para Humanas e não para as Ciências Biológicas.

Um dia recebo uma mensagem de voz de um amigo, avisando-me que o IMS estava com as inscrições de mestrado abertas, eu ainda fazia a minha segunda pós-graduação, que era em voz, para dar continuidade aos meus atendimentos trans no consultório. Montei o pré-projeto e fiz a prova no meio de uma pandemia, trancada em um apartamento com medo da morte que literalmente pairava no ar. Meu marido havia iniciado o mestrado dele e eu estava a tentar o meu.

Passado todo o processo para admissão no mestrado, com as notas já publicadas, fui aprovada e iniciava a minha trajetória no IMS. Muitas matérias a serem estudadas, o covid solto pelo ar, o mundo parado, muitas vezes assisti aula

na varanda do apartamento por não suportar estar trancada dentro de casa. A pandemia era algo novo, aulas *on-line*, dificuldades em conciliar o mestrado com a especialização em voz (iniciei o processo do mestrado no meio da especialização) aulas de segunda a segunda, a pandemia lá fora e vizinhos, amigos e parentes sendo ceifados pela “gripezinha” que o debochado e desumano Presidente insistia afirmar na televisão.

Resistir é a palavra que utilizo. Resiliência foi o que aprendi nas ruas com as meninas e a resistência foi a maior lição que o IMS me deixou. Transformei-me, aprendi muito e sou grata pelo conhecimento compartilhado com colegas de turma, da qual até hoje não conheço todes pessoalmente.

A curiosidade que me moveu a este mestrado foram questionamentos que a Fonoaudiologia não poderia responder diretamente. Um deles surgiu nos meus atendimentos no consultório: por que tantas mulheres trans buscavam atendimento de saúde vocal comparando aos homens trans? Era somente um mero desconforto com a voz ou há algo implícito que eu ainda não conseguia entender? Passei a observar o público que eu atendia em voz e notei que a maioria eram mulheres, altas, baixas, gordas, magras, malhadas, cis, trans e em alguns raros casos eram homens cisgênero que procuravam atendimento pelo desconforto de “falar fino demais” e por isso virar piada entre os colegas de trabalho e lazer. Aproveitei a oportunidade do mestrado em Saúde Coletiva para entender melhor aquilo que lá atrás havia aprendido, mas não aprofundado analiticamente: que o uso da voz e da fala dependem do contexto social e da cultura na qual o falante está imerso, das normas e papéis a serem cumpridos como ator social na vida cotidiana. Aproveitei a oportunidade do mestrado em Saúde Coletiva para entender melhor aquilo que lá atrás havia aprendido, mas não aprofundado analiticamente: que o uso da voz e da fala dependem do contexto social e da cultura na qual o falante está imerso, das normas e papéis a serem cumpridos como ator social na vida cotidiana.

Esse percurso inicial, pessoal e profissional, com relação à voz trans levantou questões mais amplas a respeito do gênero e da voz, desenvolvidos em perspectiva privilegiada no campo da Ciências Humanas e Sociais e dos estudos feministas e de gênero. A Saúde Coletiva admite esse diálogo de saberes entre as disciplinas e profissões de Ciências da Saúde e as Humanas e Sociais. A partir dos questionamentos que surgiram dentro do campo da Fonoaudiologia, fui em busca de

respostas nos estudos nas Ciências Humanas e Sociais e nos estudos de gênero no campo da Saúde. Desloquei meu olhar para fora da clínica e para além das questões trans, voltando a minha atenção para o campo científico da Fonoaudiologia e seu papel com relação à generificação da voz. Apesar das minhas preocupações iniciais terem sido formuladas em termos de justiça e do papel da sociedade em diversos planos, o foco desta dissertação será o recorte do campo científico. Estas indagações buscam refletir sobre a classificação das vozes como masculinas, femininas.

A voz

A voz é a expressão mais pura do indivíduo.

João Guimarães Rosa

Todos nós temos voz, seja a voz pública do protesto, do lugar de fala, seja a das nossas interações cotidianas em diferentes ambientes. Quais sejam seus usos, pesos e medidas, há sempre a referência – concreta ou metafórica – ao signo produzido pelo som que sai do nosso corpo. Para mim, estudar a voz humana sempre foi um grande motivador, a curiosidade de entender o aparelho fonador começou quando ainda estudava a dinâmica da fala em Linguística na minha primeira formação em Letras. Já nos fundamentos científicos da Fonoaudiologia, que entendem a voz como um fenômeno acústico e fisiológico, como para Sundberg (2015, p. 21) voz são “sons gerados pelo aparelho fonador quando as pregas vocais estiverem em vibração”. Já a definição de Behlau (2001, p. 26) traz a concepção que “a fonação é uma função neurofisiológica inata, mas a voz vai se formando ao longo da vida”, ou seja, a voz da pessoa vai se transformando de acordo com as características emocionais e trajetória pessoal. Entretanto, Behlau também constata que “a voz é o som produzido pela vibração das pregas vocais modificadas pelas cavidades de ressonância”.

Tais conceitos estão presentes nas fontes mais antigas das ciências médicas ocidentais. No levantamento histórico relatado por Salomão (2008) sobre o estudo

da voz, Hipócrates, filósofo e anatomista que viveu no século V a.C., foi o primeiro a perceber variações tonais na voz humana. Ele descrevia a voz em acordo com a percepção que tinha ao ouvir seus pares conversando e concluía que os pulmões, a língua e os dentes tinham participação fundamental nas palavras. Avançando mais um pouco, Aristóteles, no século III a.C., desdobrou as observações em estudos acerca da voz humana. Foi o primeiro a afirmar que a voz era o ar que, ao sair dos pulmões, impactava na traqueia e na laringe e assim produzia som. Aristóteles, para quem a alma era o princípio da vida, a que nutre e dá vida ao corpo, acreditava que a voz era feita na inspiração da alma, que se localizava nos pulmões e no coração, sendo assim, ele enunciou a famosa frase “a voz é o espelho da alma” (Salomão, 2008, p. 14).

Assim, a voz humana é entendida como um efeito acústico que permite a comunicação e interação com o meio. A produção e desenvolvimento envolvem elementos físicos e psíquicos. Bahiano e Cataldo (2020), sob olhar da fonética acústica, resumem a voz como uma corrente de ar expulsa dos pulmões pelo diafragma, que passa pela laringe, causando uma onda mucosa, que faz as pregas vocais vibrarem produzindo um som. Este som segue pela laringe e a faringe em direção à cavidade oral, é modulado por palatos duro e mole, língua, dentes, bochechas e lábios e continua o trajeto de ascensão seguindo em direção à nasofaringe, onde o som será amplificado pelas regiões de ressonância encontradas na face (sinus inferior e superior) e nariz.

Uma das mais importantes pesquisas da abordagem acústica da voz foi a do engenheiro sueco Gunnar Fant (1970). Gunnar escreveu a Teoria Fonte-Filtro (Fant, 1970), em que a prega vocal é a fonte e a face é o filtro. Fant descreveu o funcionamento da face como um amplificador do som advindo da laringe e a cavidade oral (boca) como responsável pela modulação das palavras. O engenheiro, através de métodos numéricos e observações em tubo semelhante à faringe e laringe humana e uma bexiga de látex imitando a modulação feita pela boca, abriu diversas possibilidades de estudo. Medindo através de programa de computador os componentes agudos, médios, graves, a intensidade e o volume da voz, esta teoria abriu um leque diverso para inúmeros estudos nas profissões dedicadas à voz humana como a Engenharia, a Linguística, a Medicina e a Fonoaudiologia (Camargo; Madureira, 2008; Bahiano; Cataldo, 2020).

A modulação do som na cavidade oral dá lugar ao que do ponto de vista da Linguística se denomina fala. Miranda (2022) elucida que a fala se realiza por meio de sons produzidos pelo aparelho fonador, a fim de veicular significados. Na Fonoaudiologia, a união da voz com a fala e os movimentos corporais resulta na expressividade oral. Madureira (2005, p. 17) explica que o que constitui o reconhecimento na comunicação é a “variabilidade de padrões melódicos e rítmicos” na intenção de deixar uma “marca” auditiva nos ouvintes. A materialidade sonora abre diversas possibilidades de interações comunicativas, sendo modulada de acordo com a necessidade e intencionalidade de cada pessoa a cada momento, conforme a necessidade de interação no grupo social.

Com os avanços tecnológicos, o desenvolvimento das atividades e das relações humanas, os estudos tanto da voz quanto da fala adquiriram maior complexidade. Na Fonoaudiologia, estes dois elementos são utilizados para a compreensão dos variados processos da linguagem e da interação social, por exemplo, para a produção de tecnologias de acessibilidade para pessoas com dificuldade de comunicação e para a pesquisa forense no campo da Justiça. O campo da Fonoaudiologia dedica-se à pesquisa, prevenção, diagnóstico e reabilitação das funções em comunicação oral e escrita:

O Fonoaudiólogo é o profissional da área da saúde, legalmente credenciado nos termos da Lei nº 6.965, de 9 de dezembro de 1981 e pelo Decreto nº 87.218, 31 de maio de 1982, que atua na comunicação oral e escrita, voz e audição, pesquisando, prevenindo, diagnosticando, habilitando, reabilitando e aperfeiçoando, sem discriminação de qualquer natureza (CFFa, 2021).

Na prática da disciplina costuma-se identificar o “sexo” pela voz através da medição da frequência fundamental (f_0). Medida digitalmente através de programas de computador, ela é explicada por diferenças anatômicas entre mulheres e homens, ligadas, portanto, ao corpo sexuado (Barbuio; Albuquerque; Pedroza, 2019; Behlau, 2001; Gomes; Carneiro; Dresch, 2016). A frequência fundamental (f_0) é o correspondente acústico da vibração das pregas vocais. Ela pode variar de 150 Hz⁹ a 250 Hz para mulheres e de 80 Hz a 150 Hz para homens, sendo possível medir esse parâmetro ainda em condições desfavoráveis de ruído de fundo e com gravações de baixa qualidade (Gomes; Carneiro; Dresch, 2016, p. 567).

⁹ Hertz – unidade de medida de frequência, equivale a um pulso por segundo.

Assim como nas pregas vocais, o correspondente acústico na audição é o “*pitch*”. Viegas et al. (2019) compararam o comprimento das pregas vocais de ambos os “sexos”, sendo que a prega vocal “feminina” produz valor de f_0 mais alto e por consequência o “*pitch*” será mais agudo. Os classificados, segundo estes critérios, como “homens”, por possuírem o trato vocal e pregas mais alongadas, têm o f_0 mais baixo, portanto, o “*pitch*” será mais grave. Porém, percebemos as lacunas do discurso baseado na anatomia, já que na passagem da infância para o início da puberdade, há um período em que a diferença entre os corpos sexuados ainda não está bem estabelecida e não há distinção mensurável nas vozes.

Na puberdade, as características sexuais entram em transição. Bem no começo desse processo, o sexo, apenas com as diferenças genitais e sem grandes distinções no resto do corpo e nas estruturas que produzem a voz, não seria razão suficiente para explicar a diferença de voz entre meninas e meninos. No entanto, Behlau (2001, p. 60) reconhece que, mesmo no caso das crianças, existem diferenciações evidentes, mas não explicáveis pela anatomia. Chun (2015, p. 114) elucida que cada sujeito tem características individuais bem marcadas e imutáveis devido a anatomia, porém cada pessoa poderá fazer os ajustes vocais de acordo com o contexto social e conversacional. Assim, o papel social da voz vai além da simples emissão do som. O impacto psicológico produzido pela voz traz, segundo Behlau (2001 p.118), possibilidades de rejeição ou aceitação social dependendo do contexto.

(In)adequações

“Você é linda, só a voz mesmo que não engana”. Acho muito cruel muitas pessoas usarem uma régua padronizada e com base em estereótipos para medir feminilidade ou beleza. Às vezes acredito que nem percebem que estão sendo desagradáveis. (Carvalho, 2021) [Depoimento de Amanda Paschoal à revista Marie Claire]

“Não gosto da minha voz”, qual profissional da Fonoaudiologia não ouviu esta queixa no consultório? “Essa voz não me representa”; “essa voz não me identifica”. Ao longo de anos de prática clínica, ouvi muitas justificativas dadas pelos clientes quando era perguntado “por que esta voz não te identifica?” As respostas sempre

estavam relacionadas a um senso comum binário que estabelece que um tipo de voz pertence ao homem e outro tipo de voz pertence à mulher. “Tenho voz de mulherzinha”, justificava um cliente que se identificava como homem. Outra, identificada como mulher, dizia ter “voz de homem”. Quando não há uma pista visual que indique o gênero de uma pessoa, comumente se rastreia e reconhece o interlocutor por pistas auditivas. Ainda que sem intenção consciente, há uma categorização binária do indivíduo falante como do gênero masculino ou feminino.

O ato social não está só nas palavras que ouvimos ou pronunciamos. Segundo Barros, Cavadinha, Mendonça (2017, p. 9) a comunicação pertence ao comportamento humano, nos quais indivíduos se conhecem, reconhecem e interagem com seus pares em comunidade. A voz é o elemento sonoro participante desta comunicação, sendo ela “um fator marcante na percepção de gênero”. Segundo Chun (2015, p. 114), cada pessoa tem características únicas e “relativamente fixas” como anatomia, fisiologia da laringe e demais órgãos fonadores, porém cada ser humano têm a capacidade de modificar as vozes de acordo com as interações sociais e cada fala do indivíduo produz impressões diferentes em seu interlocutor. Chun (2015, p. 114) afirma que “a voz produzida por uma pessoa não é totalmente pura e imutável”. Cada pessoa tem a forma de produzir suas vozes e com isso, representar a si da forma como está inserido nesta sociedade, tendo a cultura e componentes sociais formas de trazer variabilidade a esta voz. A voz passa a ser um construto deste indivíduo que comunica.

Em conclusão, as questões acerca de gênero e voz podem surgir – como evidenciei no percurso da minha aproximação ao assunto – na prática e formação clínica. Entretanto, tal prática e formação remetem, além do contexto social, para o conhecimento fonoaudiológico e as pesquisas científicas que o sustentam, bem como para a forma em que sua prática profissional é regulada. A seguir, uma breve apresentação da evolução da Fonoaudiologia no Brasil.

A Fonoaudiologia

O Conselho Federal de Fonoaudiologia (CFFa, 2023) relata que foi devido a uma preocupação de educadores e médicos no que concerne à profilaxia e correção de erros de linguagem entre escolares que a profissão surgiu. O Conselho Regional de Fonoaudiologia da Primeira Região, Rio de Janeiro, explica que a história da Fonoaudiologia não se diferencia muito da história da educação especial no Brasil (CRFa, 2023), campo formado a partir da fundação do Imperial Colégio para Meninos Cegos – hoje o Instituto Benjamin Constant – em 1854 e do Colégio Nacional em 1855, destinado a meninos surdos, que em 1857 passou a se chamar Imperial Instituto de Meninos Surdos e atualmente é nomeado como Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES).

Segundo Aarão et al. (2011), devido às migrações e ao desenvolvimento industrial no final do século XIX, os holofotes voltaram-se à educação. Existia uma preocupação com a mudança social que os migrantes poderiam fazer por terem costumes tão diferentes da região que passaram a habitar. Preocupados com a autonomia destes cidadãos que migravam e aglutinavam nas cidades, agrupando-se por afinidade cultural, interesses comuns e costumes e pela língua falada, a política da época, através dos órgãos governamentais, classificou os elementos citados como “patologia social”.

Assim, segundo o levantamento histórico de Aarão, a década de 1930, durante o governo Getúlio Vargas, havia a necessidade da construção de um “cidadão brasileiro ideal” e as ideias higienistas eram pregadas com rigor pelo rádio. O enaltecimento da Língua Portuguesa do Brasil, o combate ao estrangeirismo, a classificação de “vícios de linguagem” e “impurezas na fala” contribuíram para estigmatizar “tipos” de indivíduos. Assim, as classes sociais passaram a ser divididas entre quem falava corretamente a língua e quem não falava.

Nas décadas de 1940 e 1950, enquanto as ideias pregadas na década de 1930 ainda pairavam na sociedade brasileira, era valorizado o professor que tivesse curso de ortofonia ou de audiológico, reconhecido pelos médicos e mais próximo ao campo da saúde. A educação passa a ter um contexto clínico, a Terapia da Palavra ou Logopedia passava ser incentivada para a reabilitação daqueles que não se

encaixavam no padrão determinado para época. Houve uma criação sistemática de cursos de formação em logopedia e ou terapia da palavra (Aarão et al., 2011).

Aarão et al. (2011) remetem à criação do curso de ortofonia, na década de 1950, no Hospital São Francisco de Assis do Rio de Janeiro, porém não foi localizada documentação relativa ao seu reconhecimento oficial. Já a Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia (SBFa, 2023) relata a existência de cursos de Fonoaudiologia oficialmente reconhecidos na década de 1960 na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e na Universidade de São Paulo, que se organizaram para o reconhecimento do curso, com currículo mínimo de 1.800 horas.

Segundo o CFFa (2023), após idas e vindas, em 09 de dezembro de 1981 a profissão foi reconhecida pela Lei nº 6.965. Guiada pelo princípio do acesso universal e igualitário à saúde, a profissão tem diversos campos de atuação. O profissional Fonoaudiólogo atua de forma autônoma e independente nos setores público e privado, como promotor da saúde na população. Avalia, previne, diagnostica, orienta, habilita, reabilita e aperfeiçoa os aspectos que se referem à comunicação humana que envolvam a função auditiva periférica e central, a função vestibular, a linguagem oral e escrita, a voz, fluência e articulação da fala, sistemas miofuncionais, orofaciais, cervicais e a deglutição (CFFa, 2023).

O estudo da voz na Fonoaudiologia tem contato com diversas outras áreas e disciplinas. Muitos dos discursos encontrados em outras áreas passam a ser incorporados, porém se faz relevante analisar os modos como a profissão faz tais incorporações, quais ideias ela assimila como parte do seu corpus, quais rejeita e por quais motivos.

Contam entre os campos de atuação da Fonoaudiologia: audiologia; linguagem; motricidade oral; Saúde Coletiva; voz; disfagia; fonoaudiologia educacional, fonoaudiologia do trabalho; fonoaudiologia neurofuncional; gerontologia; neuropsicologia; fluência; e fonoaudiologia forense (CFFa, 2021). Dentro da fonoaudiologia forense, a voz é analisada e utilizada, por exemplo, na perícia criminal, que busca a veracidade das evidências (Wulf et al., 2020, p. 59) e produz material a ser usado como prova pericial, por meio de análise técnico-científica. Para a perícia, o profissional precisa ter conhecimento técnico e experiência profissional clínica, principalmente em voz e linguagem, além do conhecimento em tecnologia para avaliar a qualidade das amostras de voz e utilizar

os softwares especializados de análise (Wulf et al., 2020, p. 59-61). Essas análises exigem conhecimentos específicos, considerando que “a competência profissional é o recurso principal, enquanto os artefatos tecnológicos são auxiliares e servem de suporte à competência” (Miquilussi, Koslovski; Carneiro, 2014, p. 90).

O trabalho de Análise Acústica realiza-se por meio de softwares especializados, como o Praat (Institute of Phonetic Sciences – versão gratuita), Voxmetria (CTS Informática – versão paga), entre outros programas. Estes fazem a medição das vozes investigadas e as comparam com valores padrão (homens de 80 a 150 Hz e mulheres de 150 a 250 Hz). É realizada também uma Análise Perceptivo-Auditiva, por meio da observação do fonoaudiólogo, que compara em termos de intenção de fala, articulação, ressonância, psicodinâmica, quebra de sonoridade, estabilidade da emissão, dialetos, socioletos, ritmo, além do *pitch*, do *loudness* e coordenação pneumofônica (Behlau, 2001, p. 119).

A análise perceptivo-auditiva é um teste subjetivo que se baseia especialmente na impressão do avaliador sobre a emissão vocal do indivíduo, sofrendo influência do nível de experiência do mesmo neste tipo de avaliação, do material de voz analisado, do tipo de apresentação, do grau de desvio da qualidade vocal, além do tipo de escala utilizada nesta tarefa. (Gama et al., 2011, p. 315)

O panorama apresentado faz evidente a centralidade de noções de normalidade e desvio no modo como as vozes são classificadas, avaliadas e se tornam objeto de cuidado. Entretanto, tais noções não parecem ser exclusivas do campo da Fonoaudiologia ou do conhecimento que sustenta sua prática, mas dialogam ou se alinham com o contexto sócio-cultural e as classificações que demarcam as diferenças de gênero, assim como de outros marcadores. Em seguida, abordaremos as bases conceituais da perspectiva adotada para explorar esse contexto. Tais fundamentos, que provêm da construção coletiva que são os estudos feministas da ciência e da tecnologia no campo das ciências biológicas e médicas, fornecem ferramentas analíticas para uma abordagem crítica do papel da Fonoaudiologia como “tecnologia de gênero” (Lauretis, 1987). A partir dessas bases, apresentaremos o problema de pesquisa, seu objeto e o corpus analisado: o gênero na produção científica do campo da Fonoaudiologia, tendo como recorte o conjunto de publicações brasileiras que o abordam.

1 GÊNERO E VOZ

Como vemos, o esmiuçar dos corpos humanos pela ciência para justificar e expandir noções sociais de papéis de gênero e as características sexuais secundárias dos corpos encontra-se nas raízes da área da saúde. Laqueur (2001, p. 42) estudou a evolução dos discursos científicos sobre os corpos, principalmente o das mulheres, até a Modernidade. Conta o autor que Galeno, no século II d.C., acreditava que mulheres eram homens invertidos, mas sem o calor vital necessário para iniciar uma vida. Nesse sentido, o útero era apenas “um órgão retentor”, um mero depósito de esperma, pois igual ao estômago que digere lentamente a comida, o órgão feminino formaria lentamente o embrião. Até o final do século XVIII, a ideia de corpos de sexo diferente era impensável, mulheres eram homens invertidos numa versão mais fraca e ou imperfeita, portanto, inferior (Laqueur 2001, p. 15). Foi no século XIX quando o sangue menstrual passou a pautar as teorias sobre a diferença entre os corpos que, segundo Laqueur (2001, p. 16) foi descoberto que a mulher poderia engravidar sem orgasmo.

A contingência recém “descoberta” do prazer abriu a possibilidade da passividade e “falta de paixão” da mulher. A alegada independência da concepção com relação ao prazer criou o espaço no qual a natureza sexual da mulher podia ser redefinida, debatida, negada ou qualificada. (Laqueur 2001, p. 15)

Embora o orgasmo feminino tenha sido descoberto e a concepção sem prazer seja a nova realidade da ciência, segundo Laqueur (2011, p. 15), a imagem da mulher sedenta por sexo e prazer carnal do Iluminismo foi substituída pela imagem da mulher recatada, do lar, que deseja relacionamentos estáveis, família para cuidar.

Emily Martin, antropóloga que estudou o discurso médico e os corpos femininos, no seu livro “A mulher no corpo” (1987), demonstra como a medicina dominada por homens traduziu as necessidades femininas como patologias e os corpos como instrumento de reprodução, como se fossem uma indústria que move o capitalismo (Manica, 2006, p. 461). Os corpos femininos passam a ser, na forma cultural, elementos a serem administrados de forma semelhante a uma empresa

(Manica, 2006, p. 461). Martin elucidou ainda que a medicina moderna executou um “ataque devastador” ao feminino e a tudo aquilo que diferencia a sexualidade feminina e a masculina. Através do estabelecimento do discurso médico como produtor de verdades sobre os corpos, houve um “desmoronamento de antigos conceitos” que determinavam a ordem política e social através da natureza. Martin (2006, p. 72) Se, anteriormente, “os homens dominavam o mundo público e da moralidade e da ordem graças à sua maior perfeição (...)” Martin (2006, p. 72).

A partir do século XIX, como ressalta Laqueur (2001, p. 15), várias discussões e teorias foram levantadas acerca do papel masculino e feminino nas ciências biológicas e sociais. Martin (2006, p. 73) argumenta que houve uma tentativa de resgatar a superioridade masculina através dos diversos campos da ciência como “zoologia, embriologia, fisiologia, antropologia, hereditariedade e psicologia”. A autora afirma que a tentativa de alterar essa ordem natural entre os sexos não seria algo semelhante a uma “luta política contra uma lei arbitrária”, mas sim combater a natureza; transformar todo o conhecimento adquirido em um campo de batalha, não só para corpos humanos, mas também para todos os mamíferos. Sendo assim, na hierarquia social, “os homens como trabalhadores na esfera pública e assalariada, fora do lar, e as mulheres (exceto as das classes mais baixas) como esposas e mães na esfera privada e doméstica, do parentesco e da moralidade, dentro do lar”¹⁰. Estes conceitos substituíram a antiga hierarquia baseada no calor do corpo.

Segundo Nucci e Russo (2010, p. 31) os estereótipos de gênero foram amplamente difundidos com uma relação de discursos criados pela ciência e senso comum, na tentativa de corroborar com o dimorfismo sexual. Ainda no final do século XVIII, conforme ressalta Laqueur (2001, p. 18) houve uma procura intensa de formas de definir e redefinir as diferenças sexuais, não só em humanos, mas em todos os mamíferos, medindo milimetricamente cada parte dos corpos binariamente divididos entre feminino e masculino. Desta forma, a ciência viria corroborar com o senso comum de que corpos femininos são diferentes dos masculinos. Esta

¹⁰ Como destacado por Davis (2016), Federici (2020) e outras, os discursos médicos sobre o papel das mulheres e sua suposta fragilidade ou maior pertencimento ao lar sempre estiveram conectados com a racialização e a classe das mulheres em questão. Não apenas por séculos mulheres negras e indígenas foram escravizadas e submetidas a condições degradantes de trabalho sob o capitalismo, como, ainda hoje, estereótipos raciais ainda afetam o atendimento médico dispensado a pacientes negras e indígenas no Brasil e no mundo (Ferreira, 2013; Gaudenzi et al., 2023; Oliveira, 2022).

diferença é “situacional, explicável apenas dentro do contexto da luta sobre gênero e poder” (Laqueur, 2001, p. 23-26).

De acordo com Connell e Pearse (2015):

O que está errado com a definição do senso comum não é a atenção aos corpos, nem a preocupação com a reprodução sexual, mas a tentativa de inserir a complexidade biológica e sua adaptabilidade numa dicotomia rígida, e a ideia de que os padrões culturais apenas expressariam diferenças corporais (Connell; Pearse, 2015, p. 48).

Essa dicotomia rígida imposta sobre as leituras feitas das diferenças corporais também permeia os estudos acerca da voz humana. A noção de que “homens falam grave e mulheres falam agudo”, dada por suposta nas medições das frequências sonoras, representa o típico determinismo biológico que se transforma em um determinismo social e resume as vozes, identificadores primordiais da pessoa, como algo binário. Encontrar padrões de vozes é determinar que nenhuma mulher poderá ter um tom mais grave ou um homem um tom mais agudo.

Apesar das teorias de gênero demonstrarem a distinção entre sexo biológico e gênero, Judith Butler (2020) alerta que o gênero não deve ser considerado como radicalmente independente do sexo, a risco de perder inteligibilidade e se tornar um “artifício flutuante”. Se o gênero for considerado uma construção puramente cultural e reduzido a uma “inscrição cultural de significado num sexo previamente dado” (p. 27), pode se tornar tão fixo quanto o próprio sexo. Para evitar essa ruptura total, Butler defende que “o gênero pode ser compreendido como um significado assumido por um corpo (já) diferenciado sexualmente” (p. 31), mas observa que esse significado só se reafirma na relação de oposição a outro, o que leva a entender a constante oposição entre homem e mulher, masculino e feminino, que reforça a matriz heterossexual. O gênero, na visão de Butler (2020, p. 56), pode ser entendido como um conjunto de atributos que variam e são produzidos de modo performativo, pela reiteração de atos, sempre limitados por práticas e estruturas que regulam a coerência do gênero em categorias inteligíveis dentro da matriz cultural. A voz humana constitui um elemento que consideramos primordial de tal atividade performativa.

Porém, a autora destaca que as “expressões” do gênero que parecem ser o resultado dessa identidade são na verdade os próprios atos performativos que vão construindo esse gênero. E esses atos performativos não são realizados em um

ambiente de liberdade, pois estão condicionados a uma matriz cultural que exclui alguns tipos de identidades para tornar inteligíveis apenas os gêneros que seguem uma coerência dentro dessa matriz binária heterossexual:

A instituição de uma heterossexualidade compulsória e naturalizada exige e regula o gênero como uma relação binária em que o termo masculino diferencia-se do termo feminino, realizando-se essa diferenciação por meio das práticas do desejo heterossexual. O ato de diferenciar os dois momentos oposicionais da estrutura binária resulta numa consolidação de cada um de seus termos, da coerência interna respectiva do sexo, do gênero e do desejo (Butler, 2020, p. 53).

A voz é também algo em construção e um ato performativo de gênero. A educação da voz, assim como o gênero, se inicia no âmbito de criação do sujeito, que a matriz heterossexual identifica com núcleo familiar. Nesta educação, encontramos diversos códigos, regras implícitas, que, através de imposições heteronormativas, binárias, pressionam a diferença de gênero ao sujeito. Ela vai sendo moldada em acordo com os ditos e ritos sociais, como, por exemplo, o de não “falar alto” em público. Se uma criança entra em uma loja aos berros, a mãe lhe chama a atenção; ou um pai que insiste, ainda que a criança não consiga, que ela emita uma voz “grossa”, “masculina”; ou uma criança que tenta imitar a voz da princesa que canta nos longas metragens de animação. De todo modo, as crianças não têm maturação física para alcançar o pedido de “falar grosso igual ao papai” ou o desejo de cantar como uma princesa (voz de tom médio para agudo, emitida por um corpo que já passou pela maturação sexual, timbre atribuído a pessoas do sexo feminino). Mesmo assim, ainda tentam identificar de alguma maneira as diferenças de vozes de meninas e meninos. Por qual motivo isso acontece?

Lauretis (1987, p. 209) argumentou que o gênero está em todos os lugares. O gênero está intrinsecamente no discurso, o que pode ser encarado de forma positiva ou de forma negativa. Esta forma negativa é demonstrada por Foucault (2014, p.135) quando discute a respeito das formas de poder sobre o corpo humano, onde é traçada uma “anatomia política”. Quem consegue domínio sobre os corpos consegue o poder de manipulá-los de tal forma que se tornem submissos e dóceis a um discurso. Desta maneira, falar sobre o gênero é ir contra a “anatomia política”, é dismantelar hierarquias montadas em discursos onde o sexo biológico é o que determina a vida, o comportamento social e vocal de uma pessoa. A voz faz parte da

construção da identidade enquanto sujeito social e o sistema sexo/gênero (Rubin, 1987) se utiliza da tecnologia de poder (Foucault, 2014) para perpetuar a interpretação dos corpos masculinos e femininos, “como versões hierárquicas e verticalmente aceitas entre os sexos”, como expressão básica de relações de poder (Laqueur, 2001, p. 21).

(...) a construção do gênero ocorre hoje através de várias de tecnologias do gênero (p. ex., o cinema) e discursos institucionais (p. ex., a teoria) com o poder de controlar o campo do significado social e assim produzir, promover e ‘implantar’ representações de gênero. Mas os termos para uma construção diferente do gênero também existem, nas margens dos discursos hegemônicos (Lauretis, 1987, p. 228).

Na visão de Lauretis, as tecnologias são práticas discursivas através das quais se constroem homens e mulheres, utilizando o poder e a influência sociocultural para reforçar modelos de como homens e mulheres devem agir, pensar e sentir para serem identificáveis como tais. Porém, a autora nos lembra que as tecnologias de gênero também podem ser um poder transformador se forem usadas fora dos discursos dominantes.

O que é uma voz masculina? E o que é uma voz feminina? Como se qualifica uma voz como de homem e outra como de mulher? Como dizer qual voz é adequada para um homem e qual voz é adequada para uma mulher? E se uma voz particular for diferente do esperado para a voz masculina ou feminina, isto significaria uma perda de qualidade vocal? Quais vozes são proibidas para um homem e quais são proibidas para uma mulher? Como a Fonoaudiologia entende e traduz esses anseios? Como as práticas da Fonoaudiologia a tornam uma tecnologia de gênero? Como ela faz o gênero? São essas algumas formas de formular a pergunta que nos levou a interrogar, como problema de pesquisa, o papel da produção científica da Fonoaudiologia no sustento (ou não) da dicotomia masculino/feminino na voz humana.

1.1 Objetivos

O objetivo geral desta dissertação é analisar, na literatura científica do campo da Fonoaudiologia no Brasil, os modos como as diferenças de gênero são compreendidas e elaboradas nas teorias, pesquisas e práticas profissionais que têm a voz humana como objeto; ou seja, como as vozes, seus aspectos e características são classificados (ou não) em função desse marcador. Assim, **são objetivos específicos** da pesquisa:

- a) selecionar, em bancos de dados bibliográficos, a produção brasileira do campo da Fonoaudiologia que, tendo a voz humana como objeto, tematiza as marcas de gênero na sua abordagem; e
- b) descrever, a partir da leitura dos textos selecionados, as diferentes abordagens das diferenças de gênero no estudo da voz.

1.2 Método

A pesquisa consiste em uma revisão integrativa de literatura acerca da abordagem de questões de gênero em artigos científicos classificados no campo da Fonoaudiologia no Brasil. A busca incluiu artigos contendo discussões sobre a voz e que fazem uma distinção entre as vozes segundo o “sexo”, gênero ou classificações de masculino e feminino; ou seja, textos que analisam a voz buscando padrões e comparativos entre os sexos e/ou gêneros. A seleção foi restrita a artigos publicados em periódicos e revistas científicas da área de Fonoaudiologia no Brasil, referentes à área de atuação em voz, em Língua Portuguesa entre os anos 2001 e 2022.

A busca foi realizada em novembro de 2022 por meio de consultas a bases de dados bibliográficos, selecionadas pela sua relevância para o campo estudado: a Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), que inclui artigos das bases LILACS e MedLine; o Portal de Periódicos da CAPES; a Scientific Library Online (SciELO); e o Google Acadêmico. As bases BVS, LILACS e MedLine são referências em pesquisa em

Saúde e foram utilizadas por englobarem textos inicialmente pesquisados para este trabalho. O Portal de Periódicos da CAPES foi escolhido por indexar publicações de revistas de referência em Fonoaudiologia, como CoDAS e CEFAC, cujo acesso é facilitado por meio do portal de periódicos. A SciELO é uma base de dados em que usualmente são encontradas publicações em Ciências da Saúde e Ciências Humanas em Saúde. O Google Acadêmico permitiu confirmar e complementar os resultados obtidos.

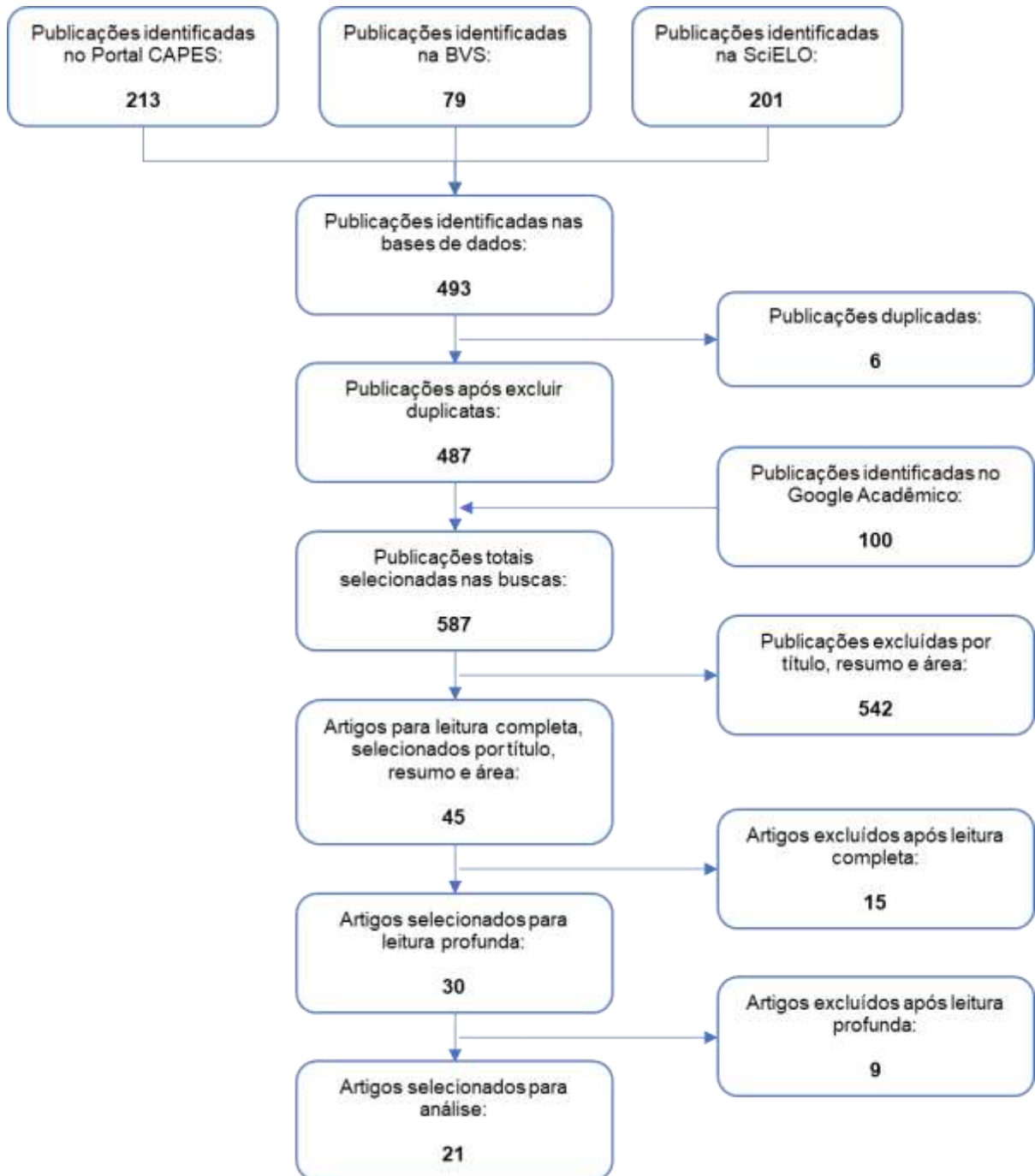
Para estruturar as buscas foram usados os descritores principais “voz” e “gênero”, combinados através de outros delimitadores na seguinte forma: (gênero OR sexo OR masculino OR feminino) AND voz AND (“qualidade vocal” OR “percepção auditiva” OR “medida da produção de fala” OR “percepção da fala” OR “comunicação” OR “caracteres sexuais” OR “adequação vocal”). Os campos pesquisados nas bases de dados foram: Título; Resumo; Assunto. Para manter o recorte de pesquisa nas buscas, foram utilizados os filtros: Anos 2001-2022; Tipo de publicação Artigo; Idioma Português; Coleção Brasil. Para complementar os resultados obtidos anteriormente nas outras bases, fizemos uma busca ajustada no Google Acadêmico para: (gênero OR sexo OR masculino OR feminino) AND voz AND fonoaudiologia. Os filtros utilizados foram: Período 2001-2022; Ordenação por relevância; Idioma Português; qualquer tipo de publicação. As publicações encontradas foram examinadas por título, resumo e palavras chave. Uma das limitações do Google Acadêmico é justamente não conseguir limitar as buscas por artigos científicos, gerando assim um excesso de resultados com muitos tipos de publicações misturadas (incluindo textos que não são somente artigos, mas também livros, teses, dissertações, TCCs, editoriais e publicações de outros tipos não revisados por pares). Então, para contornar essa limitação, optamos por buscar todos os tipos de publicações limitadas às 100 mais relevantes (as 10 primeiras páginas de resultados organizados por relevância) e distinguir manualmente os artigos científicos dos demais tipos de publicações.

As etapas da pesquisa estão sintetizadas na Figura 1. A pesquisa no portal CAPES resultou em 213 publicações; na BVS surgiram 79 publicações; na base SciELO foram encontradas 201 publicações. Dentre esses resultados, foram identificadas e excluídas 6 publicações duplicadas. Em seguida, foram adicionadas 100 publicações encontradas no Google Acadêmico. Como já era previsto um

detalhado trabalho manual de filtragem de tipos de publicações, optamos por fazer essa atividade em conjunto com a remoção de duplicatas, já durante a próxima etapa de avaliação de títulos e resumos.

Assim, as buscas resultaram em 587 publicações para serem analisadas por título, resumo e área de publicação. Os critérios de inclusão foram artigos publicados em Fonoaudiologia no Brasil que fazem diferenciação por sexo ou gênero na voz, direta ou indiretamente. Foram excluídos outros tipos de publicações (teses, dissertações, TCCs, livros etc.), áreas de conhecimento (canto, teatro, psicologia etc.) e publicações nas quais as diferenças sexuais e/ou de gênero não foram indicadas, resultando em 542 exclusões. Seguiu-se a leitura completa de 45 artigos, dentre os quais 15 foram excluídos por não atenderem os critérios de inclusão mencionados. Assim, 30 artigos passaram por uma leitura ainda mais profunda, com 9 deles excluídos porque, embora mencionassem o sexo ou gênero na voz, eles de fato não se aprofundavam o suficiente neste aspecto e não utilizavam gênero ou sexo como categoria analítica para serem considerados elegíveis para a análise definitiva. Por fim, 21 artigos foram selecionados para análise e discussão, como será apresentado na próxima seção de Resultados.

Figura 1 – Síntese das etapas da pesquisa bibliográfica



Fonte: A autora, 2024.

2 O CORPUS

Apresentamos neste capítulo as publicações selecionadas nesta pesquisa, cuja análise inicial é descrita no quadro a seguir, com posterior discussão. As buscas e análises explicitadas na seção de Método geraram os resultados apresentados no Quadro 1.

Quadro 1 – Publicações selecionadas em voz falada (consultar legenda ao final)

Ano	Autoria	Título	Objeto da pesquisa	Tipo de avaliação	Tipo de estudo	Pontos de discussão de cada texto	A quais características atribui-se variação de gênero?	Como a variação de gênero é explicada?	Quais supostos operam acerca da diferença de gênero?	Qual relevância atribui-se ao gênero?	Observações
2009	Schott, Tereza Cristina Andrade; Sampaio, Tania Maria Marinho; Oliveira, Domingos Sávio Ferreira de	Frequência fundamental de crianças da cidade de Niterói	Voz da criança	APA + AA	Experimental	O texto diferencia o sexo através de dados estatísticos obtidos por medições de f_0 . Busca valores para normatizar programas de computadores	A voz	f_0 ; a anatomia (com base nas pregas vocais e laringe)	A pesquisa compara a diferença de f_0 entre os sexos, com medidas internacionais e nacionais	Procura entender se há diferenças de f_0 entre as vozes de meninos e meninas	Demonstra que o f_0 de crianças brasileiras não tem diferença significativa entre os sexos
2010	Viegas, Flávia; Viegas, Danieli; Atherino, Ciríaco Cristovão Tavares; Baeck, Heidi	Frequência fundamental das 7 vogais orais do português em vozes de crianças	Voz da criança	APA + AA	Experimental	O texto busca diferenças sexuais através de medições por computador, comparando as medidas com os dados	As medidas vocais	f_0 e vogais; através de medições e comparação entre sexo e idade	Supõe que há uma diferença entre os sexos	O gênero estrutura a hipótese de pesquisa	Os resultados não apontaram diferença

Ano	Autoria	Título	Objeto da pesquisa	Tipo de avaliação	Tipo de estudo	Pontos de discussão de cada texto	A quais características atribui-se variação de gênero?	Como a variação de gênero é explicada?	Quais supostos operam acerca da diferença de gênero?	Qual relevância atribui-se ao gênero?	Observações
	Elisabeth					existentes na literatura. Realiza análise estatística dos dados comparados e conclui não haver diferenças.					
2009	Braga, Júnia Novaes; Oliveira, Domingos Sávio Ferreira de; Sampaio, Tania Maria Marinho	Frequência fundamental da voz de crianças	Voz da criança	AA	Experimental	Analisada a f_0 de crianças e foi observado que não há diferença significativa na média dos parâmetros entre os sexos; TMF foi igual para ambos.	A voz	f_0 ; APA, AA, Anatomia	O gênero é dado pelo sexo	O texto analisa as vozes captadas e compara entre os sexos e com a literatura específica	A pesquisa busca medir as vozes de cada sexo para obter um parâmetro das crianças brasileiras
2020	Silva, Raquel Elpídio Pinheiro da; Souza, Lourdes Bernadete Rocha de	Média da frequência fundamental dos formantes e do tempo máximo de fonação em um grupo de escolares	Voz da criança	AA	Experimental	Autoras afirmam que não foram encontradas diferenças de f_0 significativas entre os sexos comparados a idade.	As medidas da voz	f_0, f_1, f_2, f_3, f_4 e TMF; comparação estatística entre os sexos	Pressupõe diferença dada entre os sexos	O artigo pesquisa empiricamente uma diferença achada na literatura	A pesquisa não encontrou diferença entre os sexos
2010	Guimarães, Michelle	Análise perceptivo-	Voz do adolescent	APA	Experimental	Voices de adolescentes	As medidas	A voz, a anatomia,	O gênero é dado	Trata-se de um estudo	O texto justifica a voz

Ano	Autoria	Título	Objeto da pesquisa	Tipo de avaliação	Tipo de estudo	Pontos de discussão de cada texto	A quais características atribui-se variação de gênero?	Como a variação de gênero é explicada?	Quais supostos operam acerca da diferença de gênero?	Qual relevância atribui-se ao gênero?	Observações
	Ferreira; Behlau, Mara Suzana; Panhoca, Ivone	auditiva da estabilidade e vocal de adolescentes em diferentes tarefas fonatórias	e			do sexo masculino foram estudadas; não houve comparação com o sexo feminino.	da voz	níveis de hormônios		em voz masculina	inconstante ao fato dos adolescentes passarem pela muda vocal por serem homens
2006	Felippe, Ana Clara Naufelde; Grillo, Maria Helena Marotti Martelletti; Grechi, Thais Helena	Normatização de medidas acústicas para vozes normais	Voz do adulto	AA	Experimental	Compara a voz masculina com a feminina; afirma que encontraram significativas diferenças nas proporções ruído-harmônico em mulheres e acreditam que os homens têm essa proporção menor devido a fluidez da voz	A voz	<i>f</i> ₀ ; Proporção harmônico-ruído e outros elementos de análise da voz (jitter, shimmer); anatomia	A diferença de gênero é dada pelo sexo	A pesquisa busca medidas nas vozes brasileiras e compara as medidas em cada sexo com estudos de fora do país	
2006	Penteado, Regina Zanella; Honorato, Francileine Giacomeli; Nascimento, Joseli Silva	Mulher pastora: questões de gênero e condições de uso da voz no meio religioso	Voz do adulto	-	Teórico	O texto aborda os papéis de gênero atribuídos à mulher e como ela modifica o comportamento vocal dentro das atribuições de líder	A voz	A convivência social da voz em diferentes contextos caracteriza a através de ajustes vocais e	O gênero é dado pelo sexo	O texto entende que o gênero define os modos de interação social e que a voz é condiciona	

Ano	Autoria	Título	Objeto da pesquisa	Tipo de avaliação	Tipo de estudo	Pontos de discussão de cada texto	A quais características atribui-se variação de gênero?	Como a variação de gênero é explicada?	Quais supostos operam acerca da diferença de gênero?	Qual relevância atribui-se ao gênero?	Observações
						religiosa e cuidadora do lar.		psicodinâmica vocal		da pelo papel social que ela exerce	
2009	Finger, Leila Susana; Cielo, Carla Aparecida; Schwarz, Karine	Medidas vocais acústicas de mulheres sem queixas de voz e com laringe normal	Voz do adulto	AA	Experimental	<ul style="list-style-type: none"> - A escolha foi feita por se conseguir mais voluntárias. - Discute idade, envelhecimento e hormônios - Busca valores para normatizar programas de computador que realizam medições em voz. - Não houve comparação com homens. - Enunciou que a procura por mulheres ao serviço de fonoaudiologia é maior que o de homens. 	A voz	As medidas em f_0 , <i>shimmer</i> e <i>jitter</i> ; buscam através de medidas em computador	A diferença de gênero é dada	A pesquisa é toda feita para coletar o padrão de voz feminino, através de medições	
2011	Beber, Bárbara Costa; Cielo, Carla	Características vocais acústicas de homens	Voz do adulto	AA	Revisão de literatura	Justifica na anatomia a diferença entre os sexos;	A voz	f_0 ; anatomia e fisiologia; medidas	O gênero é definido pelo sexo	O texto busca caracterizar a voz de	O texto baseia o conceito de normal com o

Ano	Autoria	Título	Objeto da pesquisa	Tipo de avaliação	Tipo de estudo	Pontos de discussão de cada texto	A quais características atribui-se variação de gênero?	Como a variação de gênero é explicada?	Quais supostos operam acerca da diferença de gênero?	Qual relevância atribui-se ao gênero?	Observações
	Aparecida	com voz e laringe normal				busca comprovar a diferença através das medidas de f_0 . Afirma que a f_0 masculina é mais marcante porque é mais concordante nos estudos e que mais difere entre os sexos. Diz que os resultados de alguns estudos podem não ser adequados para caracterizar vozes propriamente masculinas porque não passaram pela muda vocal. Conclui que as vozes masculinas consideradas normais são aquelas que tendem a apresentar formantes e		anatômicas ; raça		um homem normal	estereótipo de gênero masculino, homem com a voz grave

Ano	Autoria	Título	Objeto da pesquisa	Tipo de avaliação	Tipo de estudo	Pontos de discussão de cada texto	A quais características atribui-se variação de gênero?	Como a variação de gênero é explicada?	Quais supostos operam acerca da diferença de gênero?	Qual relevância atribui-se ao gênero?	Observações
						harmônicos graves.					
2018	Spazzapan, Evelyn Alves; Cardoso, Vanessa Moraes; Fabron, Eliana Maria Gradim; Berti, Larissa Cristina; Brasolotto, Alcione Ghedini; Marino, Viviane Cristina de Castro	Características acústicas de vozes saudáveis de adultos: da idade jovem à meia-idade	Voz do adulto	AA	Experimental	Afirma que valores de f_0 reportados para mulheres é mais alto e que para homens é mais baixo. Afirma que a f_0 na fase da pré-menopausa muda e sugere que a voz fique com valores de f_0 menores. O texto em quase sua totalidade faz cobranças ao corpo feminino principalmente nas fases da menopausa. Não apresenta comparativos masculinos na mesma fase.	A voz	f_0 ; jitter; shimmer; NHR; anatomia	O sexo define o gênero	É relevante porque, apesar de o texto falar de uma pesquisa de vozes adultas, concentra-se muito nos aspectos negativos do corpo feminino, sem fazer o mesmo em relação ao corpo masculino	
2021	Lima, Caroline de; Barros, Alana Dantas; Gama, Ana	Análise da dose vocal em pessoas cisgênero:	Voz do adulto	AA	Experimental	O texto afirma que há maior atividade vocal nas mulheres que nos	A voz e o uso dela em contextos sociais	f_0 ; % de fonação; dose vocal. O estudo fez	O texto reconhece as diferenças anatômicas	Parte do suposto de que a maneira como se	

Ano	Autoria	Título	Objeto da pesquisa	Tipo de avaliação	Tipo de estudo	Pontos de discussão de cada texto	A quais características atribui-se variação de gênero?	Como a variação de gênero é explicada?	Quais supostos operam acerca da diferença de gênero?	Qual relevância atribui-se ao gênero?	Observações
	Cristina Côrtes	resultados preliminares				homens; A comparação foi feita tanto nas atividades laborais quanto nas atividades não-ocupacionais Demonstrou que o sexo feminino tende a usar mais palavras que o sexo masc.		medidas do uso da voz comparadas por gênero	do sexo, mas também considera as diferenças de gênero em contextos sociais	performa o gênero influencia a voz	
2022	Paz, Karoline Evangelista da Silva; Almeida, Anna Alice; Behlau, Mara; Lopes, Leonardo Wanderley	Descritores de qualidade vocal soprosa, rugosa e saudável no senso comum	Voz do adulto	APA	Experimental	Texto faz comparativo de vozes fem. E masc. Afirma que os pacientes do gênero feminino constituem maioria na busca de reabilitação vocal Justifica essa procura por conta das vozes femininas desviadas terem um impacto	A voz	Rugosidad e da voz feminina em idosos	O gênero é dado pelo sexo e definido pelo papel social do gênero	Pela cobrança social feita ao corpo feminino	

Ano	Autoria	Título	Objeto da pesquisa	Tipo de avaliação	Tipo de estudo	Pontos de discussão de cada texto	A quais características atribui-se variação de gênero?	Como a variação de gênero é explicada?	Quais supostos operam acerca da diferença de gênero?	Qual relevância atribui-se ao gênero?	Observações
						negativo maior que as vozes masculinas desviadas					
2010	Putnoki, Daniele de Souza; Hara, Fabiana; Oliveira, Gisele; Behlau, Mara	Qualidade de vida em voz: o impacto de uma disfonia de acordo com gênero, idade e uso vocal profissional	Voz do adulto	QVV	Experimental	Estudo sobre a autopercepção dos pacientes em relação as próprias vozes. Conclui que a autopercepção é similar entre homens e mulheres.	O impacto autorrelatado de uma alteração vocal na qualidade e de vida	O gênero é assumido como o relatado no questionário do protocolo QVV	O gênero é definido pelo sexo	Propõe avaliar se os impactos das alterações vocais são diferentes entre os gêneros	Ao comparar os resultados, a pesquisa feita sobre o QVV notou que mulheres e homens sentem-se igualmente incomodados, mas as mulheres procuram mais os ambulatórios
2018	Pereira, Amanda Maria; Dassie-Leite, Ana Paula; Pereira, Eliane Cristina; Cavichiolo, Juliana Benthien; Rosa, Marcelo de Oliveira;	Percepção auditiva de juízes leigos quanto ao gênero de mulheres com edema de Reinke	Voz do adulto	APA	Experimental	O texto fez estudo sobre a percepção de outras pessoas ao ouvirem vozes de pessoas com edema de Reinke (fumantes). Relata os incômodos da vida social das mulheres	A voz	Percepção auditiva de ouvintes leigos sobre o gênero do falante em uma amostra de voz gravada e o grau de certeza sobre essa	O gênero dos falantes é dado como definido pelo sexo, mas admite que o gênero percebido pelos ouvintes é definido por característi	Porque se percebe uma maior cobrança sobre a voz desviada feminina	As mulheres com edema de Reinke relatam incômodo por serem confundidas com homens pelo telefone, por terem a voz espessa devido ao edema

Ano	Autoria	Título	Objeto da pesquisa	Tipo de avaliação	Tipo de estudo	Pontos de discussão de cada texto	A quais características atribui-se variação de gênero?	Como a variação de gênero é explicada?	Quais supostos operam acerca da diferença de gênero?	Qual relevância atribui-se ao gênero?	Observações
	Fugmann, Elmar Allen					devido ao espessamento (voz mais grave). Destaca o incômodo sofrido ao terem suas identidades de gênero confundidas com a de homens. Afirma que o gênero é definido historicamente por características físicas, psicológicas e sociais. Conclui que os avaliadores confundiram as vozes de mulheres com edema com vozes de homens normais.		percepção	cas físicas, psicológicas e sociais		

Ano	Autoria	Título	Objeto da pesquisa	Tipo de avaliação	Tipo de estudo	Pontos de discussão de cada texto	A quais características atribui-se variação de gênero?	Como a variação de gênero é explicada?	Quais supostos operam acerca da diferença de gênero?	Qual relevância atribui-se ao gênero?	Observações
2019	Viegas, Flávia; Viegas, Danieli; Guimarães, Glaucio Serra; Souza, Margareth Maria Gomes de; Luiz, Ronir Raggio; Simões-Zenari, Marcia; Nemr, Katia	Comparação de medidas de frequência fundamental e frequências dos formantes em duas tarefas de fala	Voz do adulto	APA + AA	Experimental		A voz	f_0, f_1, f_2 , anatomia; comparação estatística para confirmar a divisão por sexo	O gênero é dado pelo sexo	O estudo usou o gênero como elemento categorizador da voz e fez as comparações por gênero	
2021	Neves, Paloma Cristina Rodeiro; Toralles, Maria Betânia Pereira; Scarpel, Renata D'arc	Perfil vocal de indivíduos 46, XX com hiperplasia adrenal congênita	Voz do adulto	APA + AA	Exploratório		A voz	Genética, anatomia, rugosidade e <i>pitch</i>	O gênero é dado pelo sexo	Porque o texto estuda mulheres com displasia adrenal congênita, cujas vozes são percebidas masculinizadas	As vozes são percebidas masculinizadas por um desequilíbrio hormonal do próprio corpo
2009	Cerceau, Janaína da Silva Berto; Alves,	Análise acústica da voz de mulheres	Voz do idoso	AA	Experimental		A voz	f_0 ; sexo; TMF	O gênero é dado pelo sexo	O estudo busca avaliar os impactos	O texto coloca um peso muito grande sobre

Ano	Autoria	Título	Objeto da pesquisa	Tipo de avaliação	Tipo de estudo	Pontos de discussão de cada texto	A quais características atribui-se variação de gênero?	Como a variação de gênero é explicada?	Quais supostos operam acerca da diferença de gênero?	Qual relevância atribui-se ao gênero?	Observações
	Cláudia Fernanda Tolentino; Gama, Ana Cristina Côrtes	idosas								do envelhecimento sobre a voz da mulher	o envelhecimento da mulher
2021	Gomes, Anna Beatriz de Paiva; Simões-Zenari, Marcia; Nemr, Kátia	Voz do idoso: o avanço da idade gera diferentes impactos?	Voz do idoso	APA + AA	Experimental		A voz	f_0 ; sexo; jitter; shimmer	O gênero é dado pelo sexo	O estudo avalia se o envelhecimento na voz gera impactos diferentes em cada gênero	O estudo não obteve diferenças ao comparar entre os sexos, pois as vozes de ambos ficaram semelhantes com o envelhecimento
2018	Schmidt, Jeanne Gabriele; Goulart, Bárbara Niegia Garcia de; Dorfman, Maria Elza Kazumi Yamaguti; Kuhl, Gabriel; Paniagua, Lauren Medeiros	O desafio da voz na mulher transgênero: autopercepção de desvantagem vocal em mulheres trans em comparação à percepção de gênero	Voz trans	AA	Experimental		A percepção da voz da mulher trans	Autopercepção e percepção por ouvintes leigos, f_0	Pressupõe um tipo de voz percebida como feminina	Pretende investigar a percepção sobre a voz trans feminina	

Ano	Autoria	Título	Objeto da pesquisa	Tipo de avaliação	Tipo de estudo	Pontos de discussão de cada texto	A quais características atribui-se variação de gênero?	Como a variação de gênero é explicada?	Quais supostos operam acerca da diferença de gênero?	Qual relevância atribui-se ao gênero?	Observações
		por ouvintes leigos									
2020	Dornelas, Rodrigo; Guedes-Granzotti, Raphaela Barroso; Souza, Alberto Silva; Jesus, Ane Keslly Batista de; Silva, Kelly da	Qualidade de vida e voz: a autopercepção vocal de pessoas transgênero	Voz trans	QVV	Experimental		A voz	O gênero é declarado pela própria pessoa no formulário; QVV; TVQ	Não há pressuposto. O gênero é declarado pela pessoa	O texto trabalha sobre a percepção de voz das pessoas trans e a qualidade de vida com as próprias vozes	
2021	Ferro, Daniela; Bresolin, Natália Giacomini; Bosa, Valdirene Cássia; Ardenghi, Luciana Grolli	Efeitos do uso de tubos finlandeses e eficácia da fonoterapia na qualidade vocal da transexual mulher: relato de casos	Voz trans	QVV	Experimental		A voz	f_0 , anatomia, qualidade vocal	Pressuposto sobre a voz feminina	Busca adaptar a voz da trans a parâmetros cisgênero	

Legenda: AA = Análise Acústica; APA = Análise Perceptivo Auditiva; QVV = Qualidade de Vida em Voz.

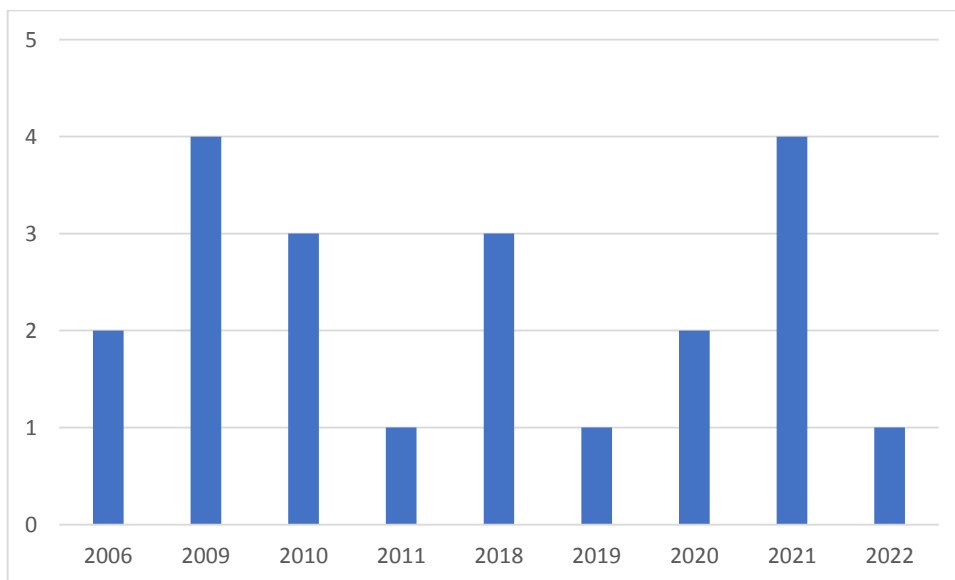
Jitter é a variação da frequência fundamental (Behlau, 2001).

Shimmer é variação da intensidade da emissão vocal (Behlau, 2001).

Fonte: A autora, 2024.

A Figura 2 ilustra a distribuição cronológica, por ano de publicação, dos textos selecionados, onde se percebe que as publicações que abordam o gênero na voz tiveram maior ocorrência nos anos de 2009 e 2021. Nesse período, houve diversas publicações relativas à análise acústica com uso de *softwares* (técnica presente em todos os artigos sobre voz da criança e sobre voz do adulto publicados nessas datas), o que sugere que os *softwares* geraram um impulso nas publicações científicas na Fonoaudiologia nesses anos. Em 2021, o maior número de artigos parece acompanhar uma maior variedade de temáticas, como se pode confirmar mais adiante na Figura 3.

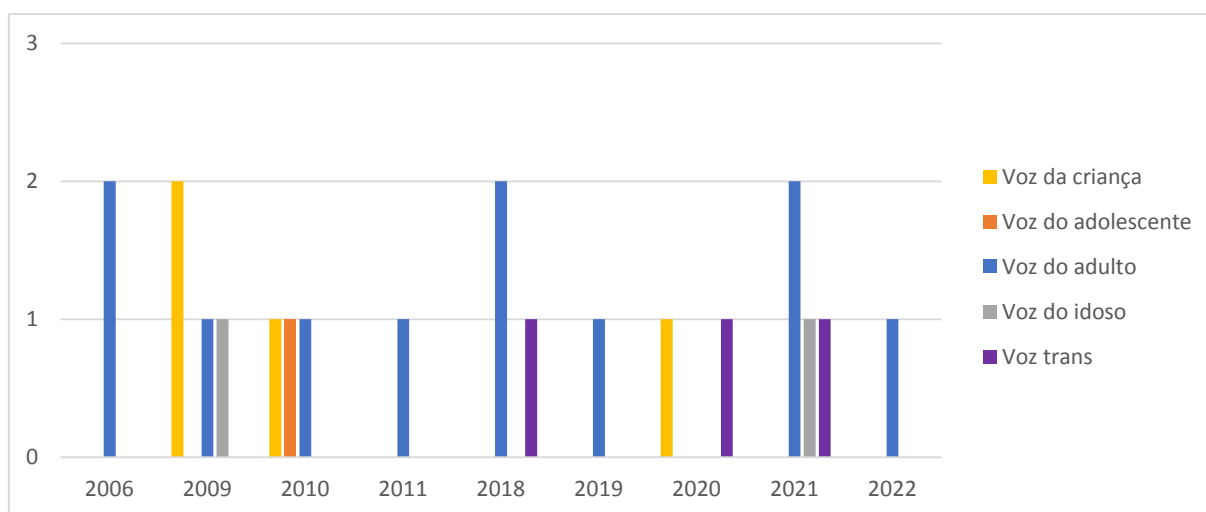
Figura 2 – Visão cronológica das publicações selecionadas



Fonte: A autora, 2024.

Para examinar em mais detalhes a progressão temporal, a Figura 3 desdobra o número de publicações segundo cada objeto de pesquisa ao longo do tempo. Percebe-se que as publicações sobre a voz do adulto (representadas pela barra azul) mantêm um volume constante, contando com publicações em quase todos os anos. Nos anos de 2009 e 2010, os estudos sobre a voz da criança (barra amarela) e a voz do adolescente (barra laranja) resultam no número total aumentado de publicações versando sobre o gênero na voz. A partir de 2018, surgem artigos sobre a voz trans (barra roxa), que ajudam a compor o segundo pico total de publicações no ano de 2021. A voz do idoso relacionada ao gênero (representada pela barra cinza) é objeto de estudo apenas em dois anos, 2009 e 2021.

Figura 3 – Distribuição cronológica das temáticas de pesquisa



Fonte: A autora, 2024.

2.1 Discussão dos textos

Tanto os estudos de vozes de crianças quanto de adultos, percebemos que o gênero definido pelo sexo serve de sustentação para a construção de indivíduos definidos como mulheres e homens. Analogamente à construção civil, o gênero seria o alicerce do prédio, porque a partir dele toda forma de comportamento social será definida. A voz está inclusa nesse alicerce, sendo moldada, como exposto nos textos, em um papel vocal feminino e masculino, mulher e homem.

Beber e Cielo (2011, p. 342) afirmam que indivíduos que não passaram pela “muda vocal”¹¹ não apresentam “vozes propriamente masculinas”. Para um melhor entendimento sobre o que é muda vocal, Behlau (2001, p. 58) explica que a muda vocal ocorre por volta dos 13 a 14 anos, em ambos os sexos, com modificações mais notáveis no menino, cuja voz passa a apresentar redução da frequência fundamental, sendo assim percebida como mais grave do que na infância, enquanto na menina a frequência fundamental não se modifica de modo acentuado, estabelecendo-se a partir daí as características vocais de diferenciação sexual entre os corpos.

¹¹ Muda vocal representa as mudanças no padrão da voz, ocorridas entre a infância e a puberdade (Behlau, 2001).

Beber e Cielo (2011, p.342), ainda demonstram a f_0 masculina seria uma característica marcante por ser mais grave. Da mesma forma, Finger, Cielo e Schwarz (2009, p. 433), para quem “a frequência fundamental é uma das medidas mais utilizadas pelos clínicos na voz humana”, explicam que uma f_0 mais aguda é uma característica feminina.

Felippe, Grillo e Grechi (2006, p. 660) fizeram medidas acústicas em vozes de mulheres e homens, comparando-as entre os sexos em busca de diferenças. Como em outras pesquisas discutidas até aqui, as autoras apontaram f_0 como um marcador da distinção entre mulheres e homens, complementando com outros parâmetros acústicos como *jitter*¹² e *shimmer*¹³, evocando justificativas no dimorfismo anatômico dos corpos para descrever o que representa a voz feminina e a voz masculina. As autoras buscaram ainda estabelecer padrões de calibração para um programa de computador utilizado em análise acústica (CSL4300 *Kay-Elementrics*), tomando por base as vozes medidas no Brasil em contraste com as medições disponíveis na literatura internacional, em busca de um padrão local para fornecer referências regionalizadas ao programa. Como os programas de análise acústica orientam-se por padrões para prover resultados consistentes e confiáveis, as autoras defendem que a “padronização educa, simplifica, economiza tempo, dinheiro e esforço e garante certificação” (Felippe, Grillo e Grechi, 2006, p. 660). Entretanto, cada programa é desenvolvido com seus próprios algoritmos e modos de calcular, de modo que cada programa tem um padrão próprio e precisa ter o funcionamento ajustado para que os resultados sejam compatíveis.

Com referência à mediação tecnológica, Latour (2000, p. 16) discute qual máquina será “culturalmente compatível”, qual será aceita por todos e quais máquinas deverão ser descartadas. Todas as máquinas apresentam um valor absoluto de trabalho, invariável, padronizadas, porém cada uma tem dentro de si, *hardwares* muito diferentes. Há marcas que identificam qual máquina foi fabricada e por qual empresa e as diferenciam por conta de quem as produziu e as inventou (Latour, 2000, p. 16). Os programas de análise acústica, devidamente padronizados e calibrados, conseguem medir dados brutos da voz, como f_0 , *jitter*, *shimmer* e quantas outras características acústicas as máquinas forem programadas para

¹² *Jitter* é a variação da frequência fundamental (Behlau, 2001).

¹³ *Shimmer* é variação da intensidade da emissão vocal (Behlau, 2001).

analisar. No entanto, as mesmas máquinas não conseguem distinguir por si se uma voz é de uma mulher ou de um homem, se determinada voz é feminina ou masculina. Para esse feito, as máquinas precisam de padrões de comparação, de parâmetros definidos para dizer que uma voz com f_0 entre 150 Hz e 250 Hz é de mulher (e assim considerada feminina) ou que entre 80 Hz e 150 Hz é uma voz de homem (e assim considerada masculina). A máquina não julga meramente por si, pois quem define como classificar a voz, quem escolhe qual parâmetro e dita as faixas de referência do que será mulher ou homem, feminino ou masculino, é o ser humano, que ouviu diversas vozes, realizou a análise perceptivo auditiva com a bagagem técnica, vivencial e cultural que possui e definiu uma forma de classificar.

“Fique com a máquina mais eficiente”, dita Jano Bifronte (Latour 2000, p. 25), mas a máquina mais eficiente resulta da composição da tecnologia com a influência cultural de quem a programou. Dessa forma, embora a máquina precise de padrões, é indispensável lembrar que eles são referências e não devem ser tomados como absolutos, sob pena de buscar equivocadamente entre as mulheres e os homens qual seria a voz mais eficiente ou qual deveria ser tomada como padrão para os gêneros, qual seria um modelo de voz feminina ou masculina.

Lima, Barros e Gama (2021, p. 2) afirmam que o sexo determina algumas características laríngeas e fonatórias. Felipe, Grillo e Grechi (2006, p. 660) também afirmam que a f_0 diferencia as vozes entre os sexos, explicada anatomicamente pelo tamanho das pregas vocais. Na sua revisão de literatura, Beber e Cielo (2011, p. 341-9) elucidam o que seria esperado de uma voz com padrão masculino, também utilizando a f_0 como marcador e a anatomia como explicação. Pereira et al. (2018, p. 5), afirmam que as diferenças entre mulheres e homens com vozes saudáveis é evidente, como efeito do desenvolvimento da laringe. Por “características próprias”, este produz f_0 diferente para cada gênero; porém afirma que mulheres afetadas pelo Edema de Reinke¹⁴ adquirem características vocais masculinas devido à f_0 reduzida. Fica o questionamento: de onde parte o suposto de que a f_0 mais baixa pertença sempre ao sexo masculino e a f_0 mais alta pertença sempre ao sexo feminino? Não poderia ser diferente?

¹⁴ Edema de Reinke é uma patologia referente a fumantes que produz alteração vocal, trazendo ao ouvinte uma voz mais grave (Pereira et al., 2018).

Saussure definiu o signo linguístico como um sistema livre, organizável à vontade, dependendo unicamente de um princípio racional (Saussure, Bally, Sechehaye, 1971, p. 92). Contempladas tais contingências, uma imagem acústica é associada a um significado, que seria uma impressão psíquica daquilo que se ouve, um nome relativamente arbitrário dado a qualquer elemento a ser apontado. O significado “cadeira” poderia ser evocado por qualquer outra palavra, mas não é, porque culturalmente ficou conhecida por esse vocábulo. De modo análogo, a voz grave ficou culturalmente destinada a pessoas do sexo masculino e a aguda para o sexo feminino. E ao longo do tempo, conceitos culturais permeiam e se desdobram em consequências sociais, pois como alerta Donna Haraway (1995, p. 7) “o ‘nós’ imaginado são os outros corporificados a quem não se permite ter um corpo.”

Os artigos selecionados sobre a voz infantil têm todos como objetivo estudar medidas vocais de crianças brasileiras. Mais uma vez, a f_0 aparece como elemento de destaque, porém, apesar dos estudos internacionais afirmarem que há diferença entre meninas e meninos, os pesquisadores não conseguiram encontrar tal diferença nas medições. Schott, Sampaio e Oliveira (2009), Braga, Oliveira e Sampaio (2009), Viegas et al. (2010) e Silva e Souza (2020) não conseguiram afirmar a diferença de gênero na voz da criança pela f_0 , nem outros parâmetros utilizados para a análise da voz. Diferentemente dos textos de pesquisa em adultos, as medições realizadas não foram suficientemente conclusivas para uma correlação entre gênero e qualquer característica da voz infantil.

Em relação à voz do idoso, Cerceau, Alves e Gama (2009, p. 146) apontam nos seus resultados que f_0 mais baixas para mulheres significam que as vozes estão tomando características viris, ou seja, transformando-se em vozes semelhantes às masculinas. No artigo, explicam que esse fato se deve ao envelhecimento e à baixa hormonal (mulheres na menopausa). O artigo teve como objetivo estudar vozes femininas na senescência. O texto sugere a visão de que o corpo feminino com a menopausa passa a não ser mais funcional. Palavras como “incompetência, degenerativo, perda de eficiência funcional” concorrem com esta “etapa natural do desenvolvimento humano” (Cerceau, Alves, Gama, 2009, p. 146). Ou seja, o envelhecimento que deveria ser uma etapa natural passa a ser incompetente e o feminino passa a ser marcado por não ter mais capacidade reprodutiva.

A voz, segundo as autoras, passa a ser mais grave e, portanto, não funcional para o corpo feminino por conta de “alterações estruturais degenerativas decorrentes do envelhecimento” (Cerceau, Alves, Gama, 2009, p. 146-7). Segundo Martin (2006, p. 77), a imagem de “fracasso corporal” na menopausa e pós-menopausa deve-se ao fato de que a mulher não pode mais reproduzir. Um corpo feminino não reprodutivo é um corpo disfuncional “(...) a atrofia e a degeneração tomam o lugar do processo ativo de crescimento” (Martin, 2006, p. 78). Cerceau, Alves e Gama (2001, p. 142) demonstram que os homens quando envelhecem também passam a ter uma f_0 mais aguda. Porém, não foi encontrada nenhuma expressão que interpretasse essa mudança como um processo degenerativo do corpo masculino.

Dentre os artigos que estudam a voz de mulheres trans, tanto Schmidt et al. (2018), quanto Ferro et al. (2021) subentendem que a feminilidade da voz é dada pela experiência cultural da voz da mulher cisgênero. Schmidt et al. (2018) tomam a autopercepção das mulheres trans sobre a feminilidade da própria voz e compara com a percepção de outras pessoas sobre o quão feminina é cada voz, o que indica que a noção do que vem a ser uma voz feminina é evocada a partir do senso comum e das experiências das pessoas ao ouvirem o que costumam identificar como vozes femininas: a voz da mulher cis. No mesmo sentido, Ferro et al. (2021) descrevem uma técnica empregada para o que denominam “feminilização das vozes”, sendo o principal efeito a elevação da frequência fundamental. Logo, embora a intenção seja adaptar as vozes de mulheres trans as referências para essa busca acabam sendo as vozes cis e o aumento de f_0 .

Já Dornelas et al. (2020) defendem que a autoavaliação da voz de pessoas trans deve considerar não necessariamente influências externas, mas sim a perspectiva de entendimento de gênero que o indivíduo tem de si mesmo. Os autores defendem que a voz faz parte da construção de uma “identidade vocal” e, portanto, a avaliação da voz deve privilegiar o gênero com o qual o próprio indivíduo se identifica. Segundo Barros, Cavadinha e Mendonça (2017, p. 15), a performance de gênero “propicia uma comunicação que representa a subjetividade do falante, adaptável aos contextos de comunicação”. Ainda no entendimento de Barros, Cavadinha e Mendonça (2017, p. 9), a voz “é um fator marcante na percepção de gênero”, é um “cartão de entrada” para situações sociais, porém a falta de confiança

na própria voz, como visto em Dornelas et al. (2020), traz “sentimentos de inadequação tendo um potencial impacto psicossocial” (Barros, Cavadinha e Mendonça, 2017, p. 11).

Paul Preciado, homem trans que discorreu sobre a transição, conta que “o viajante do gênero sente a mudança na voz como uma possessão (...)” a partir da qual a sociedade passa a tratá-lo completamente diferente, inclusive o papel social se transforma junto com o corpo (Preciado, 2019, p. 33). Assim, Dornelas et al. (2020) enfatizam a busca de uma comunicação segura, onde as pessoas possam se comunicar desenvolvendo a performance do gênero com o qual se identificam. Essa possibilidade relaciona a voz com a qualidade de vida da pessoa.

Considerando a influência dos aspectos sociais, Penteado, Honorato e Nascimento (2006) fizeram um levantamento sobre o papel de gênero na voz de mulheres pastoras em dois papéis sociais diferentes: como líder da congregação da igreja e como esposa dona de casa e mãe. Quando estão à frente do púlpito pregando, segundo elas mesmas relataram em entrevistas, as pastoras se empoderam e trazem esse empoderamento para as vozes. Na igreja, fazem pregação com a mesma entonação que os homens, colocando-se em plano de igualdade com eles. Segundo as autoras (Penteado, Honorato e Nascimento, 2006, p.352), a psicodinâmica vocal no momento do culto está em um tom de voz mais grave, trazendo equilíbrio, confiabilidade e dinamismo. Completamente diferente de quando estão nos lares, onde a voz passa a ser calma, baixa, por vezes mais aguda, com palavras mais meigas e submissas. Os papéis de gênero interferem nos comportamentos vocais, tanto para pessoas cis quanto trans.

Como foi observado no conjunto dos textos analisados, a generificação das vozes se faz presente em diferentes momentos da vida. Na voz infantil, apesar das pesquisas buscarem distinção de gênero entre elas, não encontraram diferenças robustas e conclusivas. Na fase adulta, onde as diferenças são mais evidentes, o gênero determina papéis definidos que servem de fundamento para moldar os comportamentos dessas vozes. Na senescência, quando as diferenças diminuem e as vozes novamente se aproximam, os idosos têm suas vozes marcadas como degradadas, patologizadas, como se envelhecer fosse um processo de degradação, de perda da vitalidade e da saúde.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A voz, como elemento de identificação, é moldada ainda no âmbito de criação familiar, de modo diferencial segundo o gênero atribuído ao sujeito. Em uma sociedade patriarcal, este instrumento de comunicação participa da construção de significados que são marcados pelo gênero atribuído a quem enuncia a mensagem. O papel atribuído a cada gênero, distribuído de modo binário entre sujeitos reconhecidos como mulheres e como homens, é prescritivo e os comportamentos ditados pelo gênero são repetidos na voz, parte constitutiva desses sujeitos.

Os instrumentos utilizados para a medição das faixas sonoras e variáveis como a frequência fundamental (f_0), um dado bruto gerado por computador, são amplamente empregados de modo generificado. A interpretação dessas medições se remete à anatomia e aos hormônios para caracterizar o corpo sexuado e assim definir o gênero, a partir da observação de características que definiriam o sexo. Porém, assim como nas pesquisas e práticas clínicas em voz, tanto a análise perceptivo-auditiva quanto a análise acústica dependem do fator humano para serem realizadas: não é a máquina quem determina nem esta tem capacidade para distinguir o gênero no caso da análise acústica. É o ser humano quem, por um lado, instrui a máquina a fazer a distinção e, por outro lado, quem informa os valores relativos às variáveis extra-acústicas, como sexo, idade e tamanho corporal.

A complexidade deste fenômeno e tanto as demandas da sociedade e de políticas de saúde como o Processo Transexualizador, quanto as ferramentas teóricas disponíveis nas ciências humanas e sociais e a partir da consolidação da perspectiva de gênero indicam a necessidade de ampliar os estudos e incorporar uma perspectiva de reflexão crítica acerca da diferença de gênero no campo da Fonoaudiologia. Do mesmo modo na Saúde Coletiva, onde essas perspectivas e abordagens encontram-se mais estabelecidas, é possível expandir os estudos sobre a voz como elemento integral da saúde definida como bem-estar bio-psico-social e como direito (Brasil, 1986). Não apenas em termos do “direito à fala” ou de “dar voz” às necessidades de diferentes segmentos sociais, mas também e em geral como elemento fundamental da construção da pessoa. Violências e discriminações operam em todos esses planos.

Assim, trata-se das diferentes comunidades acadêmicas dialogarem entre si. As ciências biológicas e médicas, assim como as engenharias, necessitam se aprofundar nas questões de gênero para dirimir os abismos que as separam, rebatendo preconceitos sobre os corpos e assim melhor entender as diversidades.

O término deste trabalho abre perspectivas para ações e pesquisas futuras nas quais os campos de Saúde Coletiva e da Fonoaudiologia possam reforçar o diálogo, a troca de saberes e a construção de entendimentos mais amplos. O percurso da obra até aqui mostrou que a Fonoaudiologia já ensaia os primeiros passos no sentido dessa troca entre os campos, como ilustrado no prelúdio pela estruturação do atendimento fonoaudiológico em voz trans, através do qual a universidade acolheu e apoiou a construção da identidade vocal de pessoas trans. Outro sinal da evolução do campo é notado na presença das questões de gênero na voz entre os textos analisados, com abordagens ainda incipientes, porém atentas à influência de fatores sociais sobre a voz, como se pode acompanhar no texto sobre a voz de pastoras e sobre a voz trans. Sabemos que há ainda um longo caminho a ser trilhado, mas o que de mais promissor transparece com essa dissertação é a presença do interesse e a abertura da Fonoaudiologia no Brasil para entender e evoluir nas questões de gênero sobre esse elemento tão fundamental para a identidade das pessoas: a voz.

REFERÊNCIAS

Aarão, Poliane Cristina de Lima; Pereira, Fernanda Caroline Braga; Seixas, Karoline Lopes; Silva, Hildinéia Graças; Campos, Fernanda Rodrigues; Tavares, Amanda Pereira Nunes; Gama, Ana Cristina Côrtes; Lemos, Stela Maris Aguiar. Histórico da Fonoaudiologia: relato de alguns estados brasileiros. **Rev Med Minas Gerais**, v. 21, n. 2, p. 238-244, 2011.

Bahiano, Diego Santana Marques; Cataldo, Edson. Criação de um Modelo Estocástico para a Síntese de Vogais Considerando o Pulso Glotal de Liljencrants-Fant com Parâmetros Unificados. **Proceeding Series of the Brazilian Society of Computational and Applied Mathematics**, v. 7, n. 1, 2020.

Barbuio, Eduardo; Albuquerque, Emanuelle Camila Moraes De Melo; Pedroza, Paloma Pereira Borba. Análises dos valores mínimos, máximos e de variabilidade da frequência fundamental (pitch) presentes nas vozes de informantes gays e heterossexuais. **Anais IV DESFAZENDO GÊNERO...** Campina Grande: Realize Editora, 2019. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/64032>>. Acesso em: 19 set. 2022.

Barros, Alana Dantas; Cavadinha, Edu Turte; Mendonça, Ana Valéria Machado. A percepção de homens trans sobre a relação entre voz e expressão de gênero em suas interações sociais. **Tempus—Actas de Saúde Coletiva**, v. 11, n. 4, p. ág. 09-24, 2017.

Beber, Bárbara Costa; Cielo, Carla Aparecida. Características vocais acústicas de homens com voz e laringe normal. **Revista CEFAC**, v. 13, p. 340-351, 2011.

Behlau, Mara. **Voz: o livro do especialista – volume I**. Rio de Janeiro: Revinter, 2001.

Braga, Júnia Novaes; Oliveira, Domingos Sávio Ferreira de; Sampaio, Tania Maria Marinho. Frequência fundamental da voz de crianças. **Revista CEFAC**, v. 11, p. 119-126, 2009.

Brasil. Ministério da Saúde. **8ª Conferência Nacional de Saúde - relatório final**. Brasília, DF: Ministério da Saúde; 1986.

Brasil. Ministério da Saúde. **Portaria 2.803, de 19 de novembro de 2013: redefine e amplia o Processo Transexualizador no Sistema Único de Saúde (SUS)**. Brasília, 2013. Disponível em: <https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2013/prt2803_19_11_2013.html>. Acesso em: 10 mar. 2024.

Brasil. **SAIPS – Sistema de apoio à implementação de políticas de saúde – programa: processo transexualizador no SUS**. Brasília, 2023. Disponível em:

<<https://www.gov.br/saude/pt-br/composicao/saes/saips/manuais/manuais-cgae/orientacoes-para-habilitacao-processo-trans.pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2024.

Butler, Judith P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

Camargo, Zuleica A.; Madureira, Sandra. Avaliação vocal sob a perspectiva fonética: investigação preliminar. **Distúrbios da Comunicação**, v. 20, n. 1, 2008.

Carvalho, Felipe. Não parece, mas é transfobia: 20 frases que você não deve dizer jamais. In: *Comportamento*. **Marie Claire**. 2021. Disponível em: <<https://revistamarieclaire.globo.com/Comportamento/noticia/2019/06/nao-parece-mas-e-transfobia-20-frases-que-voce-nao-deve-dizer-jamais.html>>. Acesso em: 09 jan. 2024.

Cerceau, Janaína da Silva Berto; Alves, Cláudia Fernanda Tolentino; Gama, Ana Cristina Côrtes. Análise acústica da voz de mulheres idosas. **Revista Cefac**, v. 11, p. 142-149, 2009.

CFFa, Conselho Federal de Fonoaudiologia. **História da fonoaudiologia**. Brasília, 2023. Disponível em: <<https://fonoaudiologia.org.br/historia-da-fonoaudiologia/>>. Acesso em: 15 dez. 2023.

CFFa, Conselho Federal de Fonoaudiologia. **Código de ética da fonoaudiologia**. Brasília, 2021. Disponível em: <<https://www.fonoaudiologia.org.br/legislacao/codigo-de-etica/>>. Acesso em: 10 dez. 2023.

CRFa, Conselho Regional de Fonoaudiologia 1ª Região. **História da fonoaudiologia**. Brasília, 2023. Disponível em: <<https://crefono1.gov.br/a-fonoaudiologia/historia/>>. Acesso em: 15 dez. 2023.

Chun, Regina Yu Shon; Madureira, Sandra. A voz na interação verbal: como a interação transforma a voz. **Revista Intercâmbio**, v. XXXI: 112-138, 2015. São Paulo: LAEL/PUCSP.

Connell, Raewyn; Pearse, Rebecca. **Gênero: uma perspectiva global**. São Paulo: nVersos, 2015.

Davis, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016, 244p.

Dornelas, Rodrigo; Guedes-Granzotti, Raphaela Barroso; Souza, Alberto Silva; Jesus, Ane Keslly Batista de; Silva, Kelly da. Qualidade de vida e voz: a autopercepção vocal de pessoas transgênero. **Audiology-Communication Research**, v. 25, 2020.

Fant, Gunnar. **Acoustic theory of speech production**. Hague: Mouton, 1970.

Federici, Silvia. **Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. São Paulo: Editora Elefante, 2020, 464 páginas.

Felippe, Ana Clara Naufel de; Grillo, Maria Helena Marotti Martelletti; Grechi, Thaís Helena. Normatização de medidas acústicas para vozes normais. **Revista Brasileira de Otorrinolaringologia**, v. 72, p. 659-664, 2006.

Ferreira, Luciane Ouriques. Saúde e relações de gênero: uma reflexão sobre os desafios para a implantação de políticas públicas de atenção à saúde da mulher indígena. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 18, p. 1151-1159, 2013.

Ferro, Daniela; Bresolin, Natália Giacomini; Bosa, Valdirene Cássia; Ardenghi, Luciana Grolli. Efeitos do uso de tubos finlandeses e eficácia da fonoterapia na qualidade vocal da transexual mulher: relato de casos. **Revista Pubsáude**, v. 5, a090. 2021.

Finger, Leila Susana; Cielo, Carla Aparecida; Schwarz, Karine. Medidas vocais acústicas de mulheres sem queixas de voz e com laringe normal. **Brazilian Journal of Otorhinolaryngology**, v. 75, p. 432-440, 2009.

Foucault, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 2014.

Gama, Ana Cristina Côrtes; Santos, Luiza Lara Marques; Sanches, Natália Aparecida; Côrtes, Marcela Guimarães; Bassi, Lara Barreto. Estudo do efeito do apoio visual do traçado espectrográfico na confiabilidade da análise perceptivo-auditiva. **Revista CEFAC**, v. 13, p. 314-321, 2011.

Gaudenzi, Paula; Chagas, Andrea; Castro, Adriana Miranda de. Efeitos subjetivos do racismo e cuidado: vivências e memórias de mulheres negras. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 28, p. 2479-2488, 2023.

Gomes, Anna Beatriz de Paiva; Simões-Zenari, Marcia; Nemr, Kátia. Voz do idoso: o avanço da idade gera diferentes impactos? In: **CoDAS**. Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia, 2021.

Gomes, Maria Lúcia de Castro; Carneiro, Denise de Oliveira; Dresch, Andrea Alves Guimarães. Análise perceptiva e acústica em fonética forense: uma pesquisa em disfarce de voz. **Domínios de Lingu@gem**, v. 10, n. 2, p. 559-89, abr.-jun. 2016.

Guimarães, Michelle Ferreira; Behlau, Mara Suzana; Panhoca, Ivone. Análise perceptivo-auditiva da estabilidade vocal de adolescentes em diferentes tarefas fonatórias. **Pró-Fono Revista de Atualização Científica**, v. 22, p. 455-458, 2010.

Haraway, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos pagu**, n. 5, p. 7-41, 1995.

Laqueur, Thomas Walter. **Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

Latour, Bruno. **Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora**. São Paulo: Unesp, 2000.

Lauretis, Teresa de. **A Tecnologia do Gênero**. 1987.

Lima, Caroline de; Barros, Alana Dantas; Gama, Ana Cristina Côrtes. Análise da dose vocal em pessoas cisgênero: resultados preliminares. **Audiology-Communication Research**, v. 26, 2021.

Madureira, Sandra. Expressividade da fala. In: Kyrillos, Leny Rodrigues (org.). **Expressividade: da teoria à prática**. Rio de Janeiro: Revinter, 2005.

Manica, Daniela Tonelli. A mulher no corpo: um re-encontro com Emily Martin. **Cadernos Pagu**, n. 27, p. 461–468, jul. 2006.

Martin, Emily. **A mulher no corpo: uma análise cultural da reprodução**. Rio de Janeiro: Garamond Universitária, 2006.

Miquilussi, Paloma Alves; Koslovski, Marilisa Exter; De Oliveira Carneiro, Denise. Fonoaudiologia: contribuições nos estudos forenses de comparação de locutores. **Language and Law/Linguagem e Direito**, v. 1, n. 2, 2017.

Miranda, Ana Ruth Moresco. Fala. In: Faculdade de Educação da UFMG. **Glossário Ceale**. 2022. Disponível em: <<https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/verbetes/fala>>. Acesso em: 19 dez. 2022.

Neves, Paloma Cristina Rodeiro; Toralles, Maria Betânia Pereira; Scarpel, Renata D'arc. Perfil vocal de indivíduos 46, XX com hiperplasia adrenal congênita. In: **CoDAS**. Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia, 2021.

Nucci, Marina Fisher; Russo, J. A. “O Sexo do Cérebro”: uma análise sobre gênero e ciência. **BRASIL. Presidência Da República. Secretaria De Políticas Para As Mulheres. 6º Prêmio Construindo a Igualdade de Gênero: redações, artigos científicos e projetos pedagógicos premiados**. Brasília: Secretaria de Políticas para as Mulheres, p. 31-56, 2010.

Oliveira, Juliana Ribeiro. “**Você nem tá com tanta dor assim**”: o racismo na atenção à saúde reprodutiva das mulheres negras do Distrito Federal. Brasília: Universidade de Brasília, 2022. 126 p. Dissertação (Mestrado - Mestrado em Política Social). Orientadora Lucélia Luiz Pereira.

Paz, Karoline Evangelista da Silva; Almeida, Anna Alice; Behlau, Mara; Lopes, Leonardo Wanderley. Descritores de qualidade vocal soprada, rugosa e saudável no senso comum. **Audiology-Communication Research**, v. 27, 2022.

Penteado, Regina Zanella; Honorato, Francieleine Giacomeli; Nascimento, Joseli Silva. Mulher pastora: questões de gênero e condições de uso da voz no meio religioso. **Distúrbios da Comunicação**, v. 18, n. 3, 2006.

Pereira, Amanda Maria; Dassie-Leite, Ana Paula; Pereira, Eliane Cristina; Cavichiolo, Juliana Benthien; Rosa, Marcelo de Oliveira; Fugmann, Elmar Allen. Percepção auditiva de juízes leigos quanto ao gênero de mulheres com edema de Reinke. In: **CoDAS**. Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia, 2018.

Preciado, Paul B. **Um apartamento em Urano: crônicas da travessia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

Putnoki, Daniele de Souza; Hara, Fabiana; Oliveira, Gisele; Behlau, Mara. Qualidade de vida em voz: o impacto de uma disfonia de acordo com gênero, idade e uso vocal profissional. **Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia**, v. 15, p. 485-490, 2010.

Rubin, Gayle. Pensando o sexo. **Políticas do sexo**, 1987.

Salomão, Gláucia Laís. **Registros vocais no canto: aspectos perceptivos, acústicos, aerodinâmicos e fisiológicos da voz modal e da voz de falsete**. São Paulo: PUC-SP, 2008. Tese de doutorado em linguística aplicada e estudos da linguagem.

Saussure, Ferdinand de; Bally, Charles (Org.); Sechehaye, Albert (Org.). **Curso de lingüística geral**. 10ª Ed. São Paulo: Cultrix, 1971.

SBFa, Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia. **Histórico**. São Paulo, 2023. Disponível em: < <https://www.sbfafono.org.br/portal2017/historico>>. Acesso em: 15 dez. 2023.

Schmidt, Jeanne Gabriele; Goulart, Bárbara Niegia Garcia de; Dorfman, Maria Elza Kazumi Yamaguti; Kuhl, Gabriel; Paniagua, Lauren Medeiros. Voice challenge in transgender women: trans women self-perception of voice handicap as compared to gender perception of naïve listeners. **Revista CEFAC**, v. 20, p. 79-86, 2018.

Schott, Tereza Cristina Andrade; Sampaio, Tania Maria Marinho; Oliveira, Domingos Sávio Ferreira de. Frequência fundamental de crianças da cidade de Niterói. **Revista CEFAC**, v. 11, p. 290-295, 2009.

Silva, Raquel Elpídio Pinheiro da; Souza, Lourdes Bernadete Rocha de. Média da frequência fundamental dos formantes e do tempo máximo de fonação em um grupo de escolares. **Revista Brasileira de Ciências da Saúde**, v. 24, n. 4, p. 643-648, 2020.

Spazzapan, Evelyn Alves; Cardoso, Vanessa Moraes; Fabron, Eliana Maria Gradim; Berti, Larissa Cristina; Brasolotto, Alcione Ghedini; Marino, Viviane Cristina de Castro. Características acústicas de vozes saudáveis de adultos: da idade jovem à meia-idade. In: **CoDAS**. Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia, 2018.

Sundberg, Johan. **Ciência da voz: fatos sobre a voz na fala e no canto**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.

Viegas, Flávia; Viegas, Danieli; Atherino, Ciríaco Cristovão Tavares; Baeck, Heidi Elisabeth. Frequência fundamental das 7 vogais orais do português em vozes de crianças. **Revista CEFAC**, v. 12, p. 563-570, 2010.

Viegas, Flávia; Viegas, Danieli; Guimarães, Glaucio Serra; De Souza, Margareth Maria Gomes; Luiz, Ronir Raggio; Simões-Zenari, Marcia; Nemr, Katia. Comparação de medidas de frequência fundamental e frequências dos formantes em duas tarefas de fala. **Revista Cefac**, v. 21, 2019.

Wulf, Amanda Noara; Cruz, Pablo Jordão Alcântara; Rosa, Barbara Cristina Silva; Santos, Telma Dias dos; César, Carla Patrícia Hernandez Alves Ribeiro. Ferramentas e protocolos utilizados na perícia criminal relacionados à voz: revisão de literatura. **Distúrbios da Comunicação**, v. 32, n. 1, p. 52-63, 2020.